



PAULUS

# vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2018 – ano 59 – número 319

## Temas sociais: a questão da violência

**3** Fraternidade e  
superação da violência  
Luis Fernando da Silva

**29** A condição das mulheres  
na crise da civilização:  
possíveis respostas de uma  
pedagogia franciscariana  
Marcus Vinicius de Souza Nunes, ofmCap

**13** Rosto marcado de  
sangue: a violência no  
Brasil à luz do conceito  
arendtiano de  
banalidade do mal  
César Thiago do Carmo Alves, fmi

**37** Roteiros homiléticos  
Johan Konings, sj  
Luiz Alexandre Solano Rossi

**21** O genocídio da  
juventude negra/preta  
Dalila Brito Rita



ISSN 0507-7184



9 770507 718005 01

Para construir a **pa**z,  
é preciso unir todas as vozes em  
**diálogo.**



96 páginas

**Globalização, gênero e construção da paz**  
**O futuro do diálogo interfé**  
*Kwok Pui-Lan*

Neste livro, Kwok Pui-Lan, uma das mais proeminentes teólogas feministas pós-coloniais, discute o futuro do diálogo interfé. Ela mostra como a globalização impactou as relações entre as diferentes religiões e explica por que o futuro do diálogo interfé deve incluir as vozes marginalizadas que não têm sido convidadas à mesa – especialmente as mulheres.

**paulus.com.br**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)

   editorapaulus

  
**PAULUS**

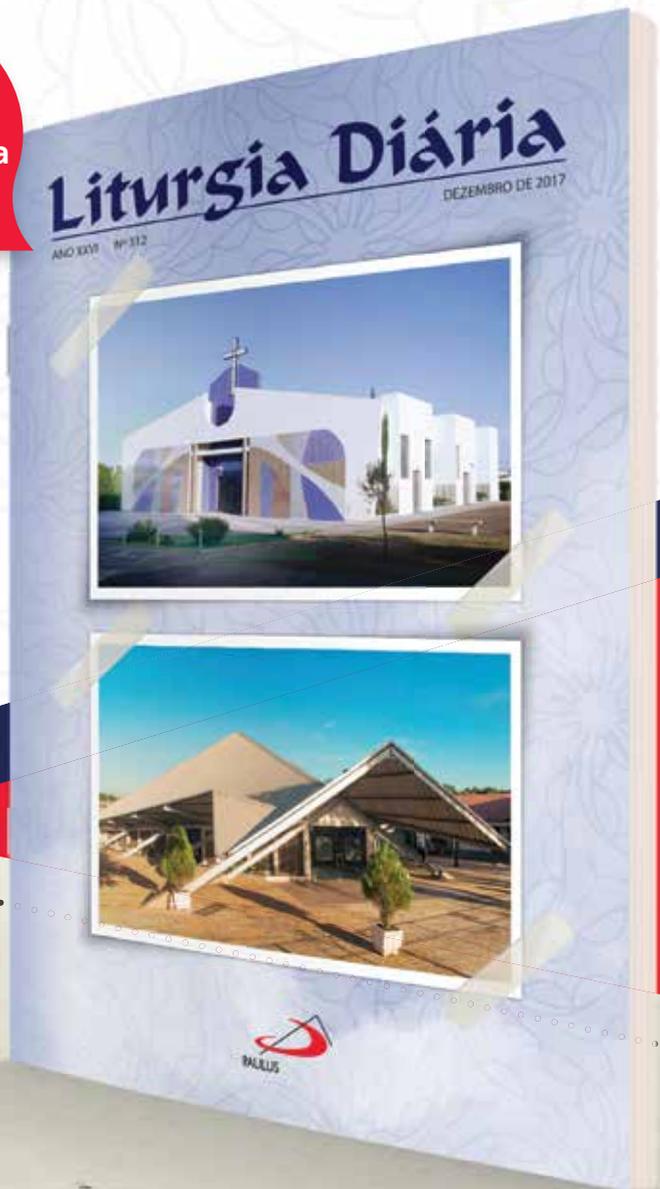
# Liturgia Diária

formato grande!

Agora disponível também para assinatura

- Letras maiores, facilitando a leitura
- Partes fixas da missa, leituras e orações
- Opções de orações eucarísticas
- Pistas para reflexão
- Círculo Bíblico aos domingos
- Cantos litúrgicos

Formato: 17 cm x 24 cm



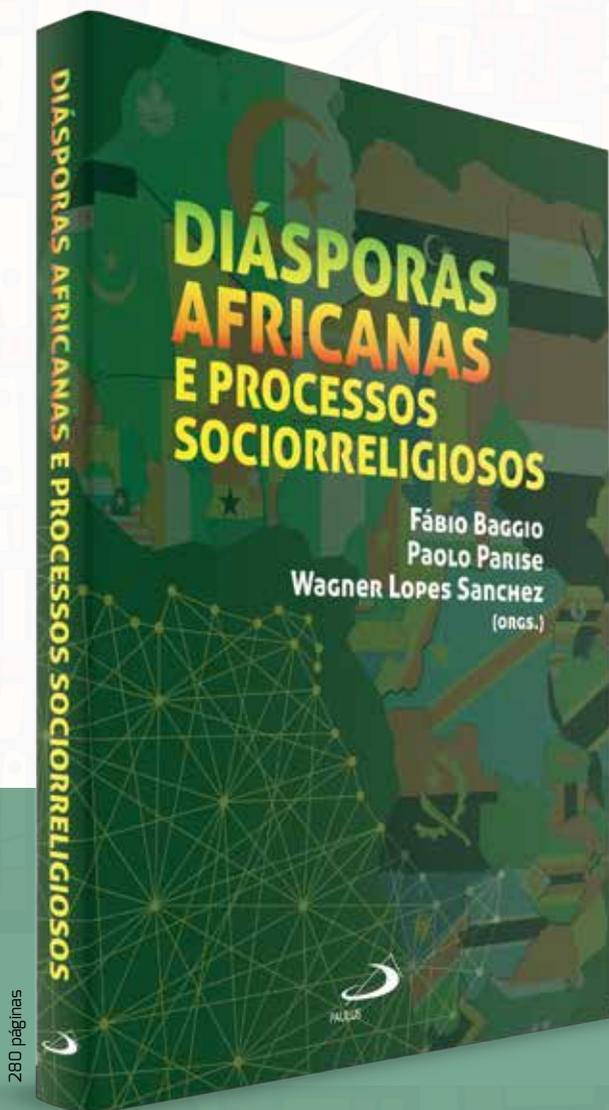
Com mais de 25 anos de história, a **Liturgia Diária** é o seu guia para rezar, celebrar e meditar a Palavra de Deus diariamente. Pioneiro no Brasil, este periódico mensal também pode ser encontrado em formato grande, com letras maiores, para facilitar a leitura e proporcionar a você a melhor experiência de encontro com Deus.

Quer saber mais? Visite uma **PAULUS Livraria** ou ligue **0800-164011**.

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)  
[assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)



# UM NOVO PENSAR SOBRE AS CULTURAS AFRICANAS EM DIÁSPORA



280 páginas

## Diásporas africanas e processos sociorreligiosos

*Fábio Baggio, Paolo Parise,  
Wagner Lopes Sanchez (orgs.)*

Compreender o fenômeno migratório atual exige compreender também as diásporas vividas pelos povos africanos, resultado do processo de dominação sofrido pela África por parte das potências ocidentais. A obra, fruto do simpósio homônimo promovido pela PUC-SP em 2016, lança um novo olhar sobre esse processo e suas consequências, em uma tentativa de contribuir para o resgate da dignidade de povos que ainda hoje buscam reconstruir seu caminho.

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)

   [editorapaulus](https://www.paulus.com.br)

  
PAULUS

## Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O rosto da violência se nos apresenta de várias formas todos os dias. Está estampado na página do jornal, na tela fria da TV e dos computadores, e nos celulares em nossas mãos. Mas não é somente uma realidade ao alcance dos olhos, como uma imagem ou esfinge que nos quer devorar. A violência toca a nossa própria pele.

Toca a pele das crianças inocentes e indefesas, desde a violência física àquela que fere a alma, causando traumas indelévels. Toca a pele dos adolescentes e jovens, que na fase dos sonhos, das descobertas, muitas vezes são expostos e submetidos exaustivamente à violência do consumismo, o qual incute em suas mentes a ideia de vencer na vida, nem que para isso tenham de passar por cima dos outros. Se, por um lado, o sistema econômico incita tal comportamento, por outro, priva-os do acesso à cultura, às oportunidades e ao direito de sonhar. Toca a pele dos idosos que, cansados com o peso dos anos, veem a doença e a morte subtrair-lhes o tempo para o repouso merecido. Violência terrível é aquela praticada pelo governo, quando rouba dos idosos o direito à aposentadoria no tempo certo. Aumentar o tempo de contribuição previdenciária dos trabalhadores pobres é uma forma de morte lenta. Cabe à comunidade cristã descobrir nos rostos sofredores de hoje o rosto do Senhor (Mt 25,31-46).

A Campanha da Fraternidade deste ano nos convoca a superar a violência. O modelo para essa superação é o próprio Jesus. Um dia ele disse aos seus discípulos: “Eis que envio vocês como ovelhas no meio de lobos. Por isso, sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). A postura dos seguidores de Jesus deve estar permeada de coragem e ternura. As injustiças do mundo devem ser combatidas não com armas, mas com o amor que emana do evangelho.

O amor que emana do evangelho não compactua com o ódio disseminado contra os pobres, os moradores de rua, os migrantes, os negros, os indígenas, os encarcerados, os trabalhadores sem-terra, sem-teto, as mulheres e os homens marginalizados por causa de sua religião, cor ou orientação sexual. O amor que emana do evangelho é o amor que jorra do coração de Jesus, que se derrama por todos. Até pelos seus algozes.

Na cena dramática de sua condenação (Mt 27), comportou-se com mansidão, porque tinha consciência de que o seu reino não é deste mundo (Jo 18,36), isto é, do mundo que se rege pelo ódio. A cruz foi seu triunfo. Não porque ele corresse de forma gratuita para a morte, mas porque denunciou, com palavras e gestos, a violência dos malvados. Jesus nunca se acovardou perante as injustiças e o mal perpetrados pelos sistemas violentos.

Não cabe aos seguidores de Jesus erguer a bandeira do ódio. Aos cristãos cabe o amor incondicional. Não é fácil. Mas é possível. O que o cristão não deve fazer é achar que pode se defender com as mesmas armas do inimigo. Jesus não se utilizou de armas. E quando um dos seus discípulos, naquele dia tenso e triste em que foi preso, querendo proteger o mestre, fez uso de armas, Jesus ordenou: “Guarda a espada no seu lugar. Porque todos os que usam da espada, pela espada morrerão” (Mt 26,52). Jesus venceu os malvados com amor.

Nesse propósito, a exortação de Paulo apóstolo é fundamental: “Vocês não sabem que são templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (1Cor 3,16). Quando ferimos o irmão, estamos ferindo o próprio Deus. O Senhor nos ajude a superar a violência neste tempo sombrio pelo qual o mundo passa. Boa leitura e feliz missão!

*Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp*  
Editor

**Editora** PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO  
**Jornalista**  
**Responsável** Valdir José de Castro, ssp  
**Editor** Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp  
**Conselho editorial** Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp  
Claudio Avelino dos Santos, ssp  
Darci Luiz Marin, ssp  
Paulo Bazaglia, ssp  
**Ilustrações** Elinaldo Meira  
**Editoração** Fernando Tangi  
**Revisão** Alexandre Soares Santana e Tiago José Risi Leme

**Assinaturas** assinaturas@paulus.com.br  
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011  
Rua Francisco Cruz, 229  
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP  
**Redação** © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184  
vidapastoral@paulus.com.br  
paulus.com.br / paulinos.org.br  
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.  
Curso: Teologia.

## Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

### Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br  
Tel.: (11) 3789-4000  
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas  
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro  
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

**Banco do Brasil:** agência 0646-7, conta 5555-7

**Bradesco:** agência 3450-9, conta 1139-8

## Livrarias Paulus

### APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros  
Lojas 44,45,78,79  
(12) 3104-1145  
aparecida@paulus.com.br

### ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319  
(79) 3211-2927  
aracaju@paulus.com.br

### BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –  
Campina – (91) 3212-1195  
belem@paulus.com.br

### BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136  
Ed. Arcângelo Maleta  
(31) 3274-3299  
bh@paulus.com.br

### BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício  
Central – Loja 15 – Asa Sul  
(61) 3225-9847  
brasilia@paulus.com.br

### CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163  
(19) 3231-5866  
campinas@paulus.com.br

### CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro  
(67) 3382-3251  
campogrande@paulus.com.br

### CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029  
(54) 3221-7797  
caxias@paulus.com.br

### CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180  
(65) 3623-0207  
cuiaba@paulus.com.br

### CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599  
(41) 3223-6652  
curitiba@paulus.com.br

### FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119  
(48) 3223-6567  
florianopolis@paulus.com.br

### FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523  
(85) 3252-4201  
fortaleza@paulus.com.br

### GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro  
(62) 3223-6860  
goiania@paulus.com.br

### JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de  
Carvalho, 134 – Centro  
(83) 3221-5108  
joaopessoa@paulus.com.br

### JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590  
(32) 3215-2160  
juizdefora@paulus.com.br

### MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro  
(92) 3622-7110  
manaus@paulus.com.br

### NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333  
Cidade Alta – (84) 3211-7514  
natal@paulus.com.br

### PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155  
Centro – (51) 3227-7313  
portoalegre@paulus.com.br

### RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B  
(81) 3224-9637  
recife@paulus.com.br

### RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621  
(16) 3610-9203  
ribeiraopreto@paulus.com.br

### RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B  
(21) 2240-1303  
riodejaneiro@paulus.com.br

### SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75  
Barris (71) 3321-4446  
salvador@paulus.com.br

### SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255  
(11) 4992-0623  
stoandre@paulus.com.br

### SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826  
(17) 3233-5188  
riopreto@paulus.com.br

### SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro  
(98) 3231-2665  
saoluis@paulus.com.br

### SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180  
(11) 3105-0030  
pracase@paulus.com.br

### SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5  
(11) 3789-4005  
raposotavares@paulus.com.br

### SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207  
Metrô Vila Mariana  
(11) 5549-1582  
vilamariana@paulus.com.br

### SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro  
(15) 3442-4300 3442-3008  
sorocaba@paulus.com.br

### VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121  
(27) 3323-0116  
vitoria@paulus.com.br

# Fraternidade e superação da violência



Luis Fernando da Silva\*

*A CNBB convida todos os homens e mulheres de boa vontade a percorrer o caminho da superação da violência, crescente em todos os níveis. Para isso é preciso olhar a realidade, iluminá-la com a luz da palavra de Deus e do magistério da Igreja e, por fim, agir sobre ela, transformando-a.*

\*Pe. Luis Fernando da Silva, presbítero da Diocese de São João da Boa Vista/SP, secretário-executivo da Campanha da Fraternidade, membro do Fundo Nacional de Solidariedade e diretor editorial das Edições CNBB.

## Introdução

Em 1964, em pleno desenvolvimento do Concílio Vaticano II, realizou-se a primeira Campanha da Fraternidade (CF) em âmbito nacional, sob os cuidados da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Para o ano de 2018, foi escolhido o tema “FRATERNIDADE E SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA” e o lema: “VÓS SOIS TODOS IRMÃOS” (Mt 23,8), com o objetivo geral de construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da palavra de Deus, como caminho de superação da violência.

O tema da CF-2018 pretende advertir que a violência nunca constitui uma resposta justa. A Igreja proclama, com a convicção de sua fé em Cristo e com a consciência de sua missão, que a violência é um mal, é inaceitável como solução para os problemas e não é digna do ser humano.

A busca de soluções alternativas à violência para resolver os conflitos assumiu, atualmente, um caráter de dramática urgência. É,



portanto, essencial a busca das causas que originam a violência, em primeiro lugar as que se ligam a situações estruturais de injustiça, de miséria, de exploração, nas quais é necessário intervir com o objetivo de superá-las (cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja).

Já o lema “Vós sois todos irmãos” busca resgatar o sentido da fraternidade dos povos, pois somos todos irmãos e irmãs, filhos e filhas de um mesmo Pai. Por isso, iluminados pelo evangelho do Reino, somos chamados à não violência.

A CNBB convida todos os homens e mulheres de boa vontade a percorrer o caminho da superação da violência, crescente em todos os níveis. Para isso, é preciso olhar a realidade, iluminá-la com a luz da palavra de Deus e do magistério da Igreja e, por fim, agir sobre ela, transformando-a.

## 1. Olhar a realidade

A convivência pacífica e a sociabilidade violenta parecem disputar os mesmos espaços no cotidiano. No Brasil, criou-se um discurso conveniente, segundo o qual o povo brasileiro é pacífico; contudo, basta observar com cautela a sociedade para perceber como a violência está presente no dia a dia das pessoas.

Tal violência, com o passar dos anos, foi se tornando uma cultura institucionalizada e sistematizada, gerando assim os rostos nos quais se contempla o descaso com a pessoa humana e o quanto ela é tolhida em seus direitos e dignidade.

## Cultura da violência

A definição mais genuína da palavra cultura é “cultivo”. Disseminar uma cultura é cultivar um modo de ser, de estar e de agir.

Quando se apresenta a violência como cultura, parte-se de uma análise da realidade

em que comportamentos, mídias, expressões verbais, músicas etc. foram se tornando “normais”, “comuns”. Essa cultura é produzida pelos indivíduos, que, ao mesmo tempo, se tornam vítimas do próprio sistema de violência.

A violência cultural institui na sociedade uma situação em que alguns atos violentos são

reconhecidos como legítimos ou naturais. Assim, a violência cultural não constitui a causa primeira da violência, mas é condição para que a sociedade tenha uma visão míope dos atos violentos; em outras palavras, uma consciência anestesiada, pois aquilo que deveria ser considerado violento – porque é um mal em si – passa a não ser assim considerado.

A mídia é a grande colaboradora do processo de naturalização da violência, pois a polariza em alguns contextos específicos – por exemplo, o narcotráfico, os assassinatos e as guerras –, como se ela só fosse possível nesses “ambientes organizados”. Esquece-se que a violência nasce no próprio ser humano, quando este escolhe o caminho do ódio, do não perdão, da inveja, da soberba. Acrescido a isso, a sociedade aceita passivamente atitudes de natureza violenta.

A cultura da violência é uma cultura excludente, pois a associa às classes sociais e raciais, criando, assim, estigmas sociais como “o povo daquele país não presta”, “aquele rapaz tem cara de bandido”, “aquela mulher merece apanhar”. Essas expressões, tornadas corriqueiras, são um modo de descriminalizar a cultura da violência. As estatísticas confirmam isso quando apontam registros crescentes de xenofobia no Brasil, o grande número de jovens negros encarcerados, a multidão de mulheres que, no silêncio do lar, sofrem violências diversas.

Essa naturalização se converte em indiferença. Os números da violência no Brasil revelam uma calamidade social. Raramente,

**“O tema da Campanha da Fraternidade 2018 pretende advertir que a violência nunca constitui uma resposta justa”**



porém, o espectador ultrapassa o nível de leve indignação diante dos dados. Isso que ocorre no plano individual se manifesta como uma espécie de anestesia nos governos, que não se sentem compelidos a elaborar políticas públicas capazes de reverter a tragédia em andamento (cf. Texto-base da CF-2018).

A cultura se atualiza por meio de ações sociais, ou seja, ocorre quando a sociedade vai cristalizando alguns comportamentos, chegando a institucionalizá-los. Nesse sentido, a Campanha da Fraternidade de 2018 não quer somente identificar a cultura da violência, mas sobretudo combatê-la. Para isso, é preciso entender como essa cultura vai se sistematizando na pessoa, na comunidade e na sociedade.

### A sistematização da violência

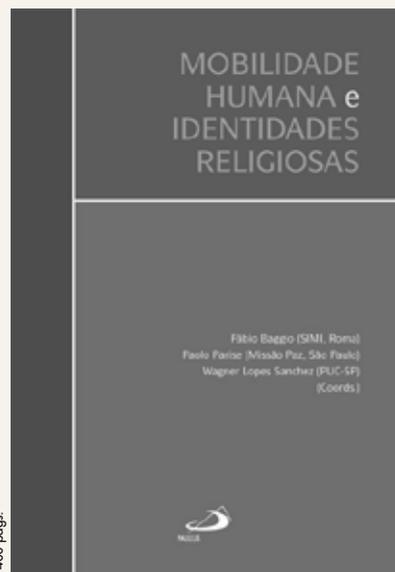
A violência apresenta-se nas mais variadas formas: física, psicológica, institucional, sexual, de gênero, doméstica, simbólica, entre outras. Superar as várias faces da violência é tarefa de todos. Exige o compromisso de cada cristão e cristã no enfrentamento das múltiplas formas de ofensa à dignidade humana que se naturalizam escandalosamente em nossa sociedade.

Ainda que o Brasil, nos últimos anos, tenha apresentado evidentes avanços e conquistas sociais, estes ainda não foram suficientes para eliminar a desigualdade. Uma vez que cresce a desigualdade, cresce também a violência. O não atendimento aos direitos elementares das pessoas constitui um nascedouro para a violência em sociedade.

Somam-se, nesse desafiador quadro social, as causas externas de mortalidade (decorrentes de acidentes de trânsito, afogamento, envenenamento e outras formas de violência, como agressões, homicídios, suicídios, tentativas de suicídio, abusos físicos, sexuais e psicológicos), que contribuem para mais de 138 mil óbitos anualmente em nosso país, segundo dados de 2010 do Ministério da Saúde. Os homicídios no Brasil, por exemplo, tiveram um aumento

## Mobilidade humana e identidades religiosas

*Fábio Baggio, Paolo Parise e Wagner Lopes Sanchez (coords.)*



O fenômeno da migração compulsória tem sido uma constante na história da humanidade, mas, nos últimos anos, tem despontado com muita força em virtude do “êxodo sírio” desde que começou a guerra civil na Síria. Este livro traz reflexões acerca do papel das religiões no acolhimento daqueles que são forçados a deixar seus países de origem em busca de uma vida melhor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



de 259% num período de trinta anos. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 11% dos assassinatos do mundo acontecem no Brasil, onde uma pessoa é morta a cada dez minutos; 50.806 pessoas foram vítimas de homicídios dolosos no país somente em 2013, ano que registrou 50.320 casos de estupro; o número de presos no sistema penitenciário brasileiro cresceu 5,37% entre 2012 e 2013, sobrecarregando ainda mais o já desumano sistema penitenciário; e os custos da violência chegaram a 258 bilhões de reais nesse mesmo período, correspondentes a quase 6% do PIB (soma de todas as riquezas que o país produz em um ano); nos últimos cinco anos, as polícias brasileiras mataram 11.197 pessoas, mas os policiais também foram vítimas: em 2013, 490 foram mortos, 75% dos quais fora de serviço.<sup>1</sup> Dados do Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade (IVJ 2014) apontam que, no Nordeste, um jovem negro corre cinco vezes mais o risco de ser morto do que um jovem branco. Dos quase 30 mil jovens assassinados em 2012, 76,5% eram negros ou pardos, ou seja, morreram 225% mais jovens negros do que brancos. De acordo com o IVJ, no Brasil, esse índice é de 2,5, ou seja, são assassinados 2,5 vezes mais jovens negros do que brancos. A evolução histórica da mortalidade violenta no Brasil impressiona: segundo o Mapa da Violência 2014 – Os Jovens do Brasil, entre os anos 1980 e 2012, morreram no país 1.202.245 pessoas vítimas de homicídio, 1.041.335 pessoas vítimas de acidentes de trânsito e 216.211 suicidaram-se. As três causas somadas totalizam 2.459.791 vítimas (cf. Texto-base da CF-2018).

Sabe-se que a violência está presente em toda a sociedade e se manifesta de formas

### **“A Campanha da Fraternidade de 2018 não quer somente identificar a cultura da violência, mas combatê-la”**

diferentes, mas é sabido também que as populações mais vulneráveis é que são mais vitimadas. Enquanto as classes de maior poder aquisitivo podem se proteger com uma série de artefatos que alimentam a “indústria da segurança” e dão uma falsa sensação de proteção, os mais pobres estão expostos à insegurança.

O direito à proteção é para todos, e se alguns estão tolhidos desse direito, isso se dá pelo fato de não haver políticas públicas que favoreçam a totalidade dos cidadãos. Os impostos, que deveriam servir ao bem comum, são escoados por obra da corrupção, num país em que parece estar institucionalizada a fraude

contra o dinheiro público.

A violência não é um fenômeno apenas cultural, mas, ao se instalar na sociedade, vai se sistematizando. Tal sistema é bipartido e polarizado: de um lado, estão os que querem a todo custo tirar vantagem; de outro, as vítimas da desigualdade. Por sua vez, as instituições precipuamente responsáveis por zelar pelos direitos elementares de segurança, justiça e paz acabam se transformando em instituições corrompidas, como é o caso do sistema de justiça criminal brasileiro (formado pelas polícias, pelo Ministério Público, pela Justiça e pelo sistema prisional), que, muitas vezes, não consegue responder adequadamente às problemáticas contemporâneas.

A sociedade ainda se pauta na reação, e não na prevenção; na punição, e não na educação para o senso de pertença. Com o passar do tempo, os sistemas que deveriam ser um serviço à seguridade social tornam-se instituições sobre as quais a desconfiança cresce dia a dia.

A violência que se manifesta diariamente e em intensidade numérica cada vez maior muitas vezes é ocultada para dar espaço a fatos midiáticos. Alguns casos ficam tão expostos nos meios de comunicação, que levam a

1 FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, São Paulo, ano 8, 2014.



população a particularizá-los e a focar especificamente neles, esquecendo-se de outros, muito mais numerosos, que acontecem todos os dias. E, ainda, a mídia, ao apresentar situações de modo teatral, desperta na população um senso justiceiro, um desejo de fazer justiça com as próprias mãos. Volta à cena o desejo do mais alto grau de punição: a morte, como se fosse a solução para erradicar todos os tipos de violência.

O descarte do ser humano, seja ele vítima ou autor do malfeito, não é o caminho. Não se pode alimentar um sistema maniqueísta que separa bons e maus, justos e injustos. É preciso voltar-se ao senso de alteridade: o outro (alter) é meu irmão; se é meu irmão, eu não o descarto quando erra, mas o ajudo a se reeducar no caminho do bem.

É preciso passar de um sistema excludente, elitista e descartável para uma sociedade fraterna, responsável e inclusiva.

### Os rostos da violência

Quando se fala de vítimas da violência, não se pode ficar o tempo todo generalizando. Por trás de cada vítima há um rosto, uma pessoa com vontade, liberdade e capacidade para amar, que teve os seus direitos arrancados pela violência. O convite que a Igreja faz, por meio da Campanha da Fraternidade, não visa à superação de um quadro estatístico cheio de dados e números; ela convida à superação na vida e na história de cada homem e mulher subtraídos de seus direitos.

A Igreja não quer apenas apontar dados e estatísticas, mas convida cada um a contemplar os rostos e a história de tantos irmãos e irmãs:

- rosto dos que sofrem violência racial;
- rosto dos que sofrem violência de gênero.

Muitas mulheres continuam sendo vítimas da cultura patriarcal e machista, de salários reduzidos, da violência doméstica, de abuso sexual. Cabe lembrar aqui os irmãos e irmãs da comunidade LGBT, vítimas constantes do preconceito e da violência física;

## Religião e linguagem

### Abordagens teóricas interdisciplinares

Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.)



Seria a religião, configurando-se como um sistema de linguagem na cultura, também submetida às ambiguidades, criações e manipulações dos sistemas de signos? Oscilaria ela entre as possibilidades de criação poética e de manipulação pelo poder? Podemos ampliar o conceito de linguagem para o signo visual e gestual na busca pelas relações entre religião e linguagem? Essas e outras questões são debatidas neste livro.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



– rosto dos que sofrem violência doméstica, tendo como principais vítimas as mulheres, as crianças e os idosos;

– rosto das vítimas da exploração sexual e do tráfico humano, sobretudo mulheres e crianças;

– rosto dos trabalhadores rurais e dos povos tradicionais. Aumenta o conflito no campo; os trabalhadores rurais, na luta por seus direitos, muitas vezes são assassinados e expulsos da terra. Os povos tradicionais, que estão na terra desde muito antes da chegada dos colonizadores, são tratados com estranhamento e com o endurecimento das leis de criação de reservas;

– rosto das vítimas do narcotráfico. Cada vez mais cresce o número de pessoas que perdem a vida por causa do narcotráfico. A vida é tirada não só pelo consumo dos entorpecentes, mas também pela violência do crime organizado, gerador de um sistema injusto, que prende crianças e jovens consumidores de drogas, mas raramente (ou nunca) pune exemplarmente os grandes traficantes;

– rosto das vítimas do trânsito. As pessoas, tendo o direito de ir e vir, precisam fazê-lo com segurança. Muitas são as vítimas do trânsito, seja pela irresponsabilidade pessoal dos que ingerem álcool ou não respeitam a sinalização, seja pela ausência dos poderes públicos na manutenção das rodovias.

Com esse elenco de rostos da violência, não se fecha o assunto; ao contrário, com acurada reflexão, é possível perceber uma infinidade de pessoas e situações marcadas por essa realidade.

Não basta identificar a violência como cultura e como sistema e distinguir suas vítimas; é preciso iluminar essa realidade com o evangelho.

## 2. Iluminar a realidade

### A palavra de Deus e a superação da violência

A Sagrada Escritura foi sendo inspirada ao longo dos séculos. É uma história de salvação que passa pelas marcas da história da humanidade, constituída de momentos de fraternidade, de paz, de luta pela justiça, mas também marcada pelo pecado da divisação, da guerra, do abuso do poder.

Muitas vezes os sentimentos humanos são atribuídos a Deus, apresentando-o como vingativo, violento e cheio de ira. Muitos textos da Sagrada Escritura carregam essa marca da projeção da violência humana em Deus, caracterizando-o como um Deus justiceiro.

A Revelação atingiu sua plenitude no mistério da encarnação de Jesus Cristo, que é por excelência uma pessoa de paz,

de não violência, de prática da fraternidade.

Jesus revela que Deus é Pai (Abbá) e os homens e as mulheres são irmãos e irmãs. A fraternidade anunciada por Jesus é composta de um caminho de misericórdia, que pede e oferece perdão; um caminho em que se assume a postura do samaritano, o qual se inclina sobre a dor do que sofreu violência, dele cuida e com ele supera o sofrimento.

Do Novo Testamento deriva uma consequência prática: quem conhece Jesus promove a paz, jamais estimula a violência. Quem, em Cristo, sabe que foi agraciado com a paz deve se tornar um reconciliador, um construtor de paz.

Como lembra um antigo escrito cristão: “Deus enviou-o (seu Filho) para nos salvar, para persuadir, e não para violentar, pois em Deus não há violência” (Carta a Diogneto, VII, 4; cf. Texto-base da CF-2018).

**“Por trás de cada vítima há um rosto, uma pessoa com vontade, liberdade e capacidade para amar, que teve os seus direitos arrancados pela violência”**



## O magistério da Igreja e a superação da violência

A Igreja guarda o tesouro deixado por seu fundador, cabendo-lhe a missão do anúncio do evangelho da paz e da superação da violência.

Quando estudamos a história da Igreja, percebemos que nem sempre ela foi fiel à sua missão; muitas vezes escolheu o caminho do não diálogo, chegando a extremos escandalosos.

A Igreja não esconde os erros da sua história, mas aprende com eles e busca cada dia refazer a escolha do seguimento de Jesus. Ela segue o seu Mestre – que não agiu com violência, mas morreu de morte violenta – e, guiada pela sua presença ressuscitada e pelo seu Espírito, por meio da comunhão e da missão, busca oferecer a todos os povos um caminho para vencer a violência.

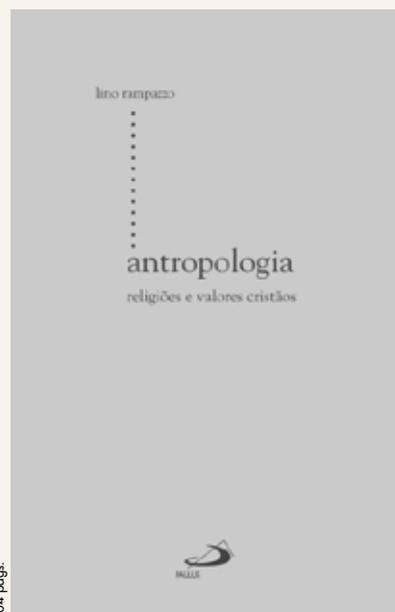
Poder-se-ia aqui fazer memória de inúmeros homens e mulheres que, ao longo dos séculos, deram testemunho de superação da violência. Contudo, esta reflexão se centrará na primavera da Igreja no século XX, o Concílio Ecuemênico Vaticano II e os papas contemporâneos.

Em sua reflexão sobre a comunidade humana internacional, a constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje *Gaudium et Spes* indica como elementos que se deve ter presentes para uma convivência pacífica e para o progresso da paz: a índole comunitária da vocação humana; a interdependência da pessoa humana e da sociedade humana; a promoção do bem comum; o respeito pela pessoa humana; o respeito e amor pelos adversários; a igualdade essencial entre todas as pessoas; a superação da ética individualista; a responsabilidade e a participação social; a solidariedade humana (n. 24-32).

São João XXIII, na encíclica *Pacem in Terris*, afirma que, em nosso tempo, não é racional que a guerra seja usada como instrumento da justiça (cf. n. 67). Ele, que viveu de perto os horrores da guerra, cita Pio XII:

## Antropologia Religiões e valores cristãos

Lino Rampazzo



264 págs.

A redescoberta e valorização do “ser” (antropologia), do “crer” (religiões) e do “agir” (valores cristãos) constituem o objetivo desta publicação. A obra serve de subsídio para as disciplinas de cultura religiosa e ética; ao mesmo tempo, quer abrir-se a um diálogo sem fronteiras sobre os valores mais significativos que dignificam o ser humano na atual sociedade, caracterizada por mudanças rápidas e profundas.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



“Com a paz, nada se perde. Tudo, com a guerra, pode ser perdido” (n. 62).

O Beato Paulo VI, em sua memorável *Populorum Progressio*, reafirma a completa exclusão da violência do ideal de sociedade coerente com a dignidade humana. São João Paulo II, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2002, recorda que “não há paz sem justiça, nem justiça sem perdão”.

Na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2007, Bento XVI recorda que a raiz da ausência de paz está localizada no contexto da desigualdade social: “Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente as inúmeras injustas desigualdades ainda tragicamente presentes no mundo. De entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas as desigualdades no acesso a bens essenciais, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais”. Fica evidente aqui a necessidade de superar a violência superando as desigualdades sociais.

Em tempos recentes, o papa Francisco recorda que a superação da violência passa pela fraternidade, fundamento e caminho para a paz. Surge espontaneamente a pergunta: Poderão um dia os homens e as mulheres deste mundo corresponder plenamente ao anseio de fraternidade neles gravado por Deus Pai? Conseguirão, meramente com as suas forças, vencer a indiferença, o egoísmo e o ódio e aceitar as legítimas diferenças que caracterizam os irmãos e as irmãs? Parafraseando as palavras do Senhor Jesus, poderemos sintetizar assim a resposta que ele nos dá: dado que há um só Pai, que é Deus, vós sois todos irmãos (cf. Mt 23,8-9). A raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus. Trata-se, por conseguinte, de uma pa-

ternidade eficazmente geradora de fraternidade, porque o amor de Deus, quando é acolhido, se transforma no mais admirável agente de transformação da vida e das relações com o outro, abrindo os seres humanos à solidariedade e à partilha ativa.

### 3. Agir na realidade

A superação da violência não é uma teoria, mas deve ser um caminho de ativa transformação. Essa mudança passa pela pessoa, pela comunidade e pela sociedade. A conversão conjugada dessas três realidades é uma trilha segura para todo desejo de superação.

#### Antropologia da mudança

As pessoas não estão inseridas no mundo para viver isoladamente, mas dependem do “outro” para viver. Essa condição, que favorece a prática relacional, desafia a todos – como sujeitos da própria história – a cuidar do outro, ou seja, a fazer

parte da história do outro.

A superação da violência passa pela conversão pessoal. É preciso assumir a espiritualidade do seguimento de Jesus, o modelo de pessoa que escolheu ser não violento. A conversão, compreendida na mudança de atitudes e comportamentos, é a principal proposta que a liturgia quaresmal oferece.

O mundo muda quando a pessoa muda. Para que isso aconteça, é preciso adotar uma postura correspondente à de Jesus, promovendo a cultura da paz, adotando mídias alternativas, que não tratam a violência com sensacionalismo, participando dos conselhos paritários e de políticas públicas para a superação da violência, valorizando a instituição familiar, vivendo uma vida menos consumista, pedindo e oferecendo perdão, adotando a cultura da empatia. E recordando-se sempre de que o outro não é apenas o outro: ele é irmão.

**“A Igreja guarda o tesouro deixado por seu fundador, cabendo-lhe a missão do anúncio do evangelho da paz e da superação da violência”**



## Comunidades comprometidas

Cabe aqui fazer uma salutar memória da caminhada pastoral da Igreja no Brasil, a qual, ao longo dos anos, motivada pelo espírito da profecia e da luta pela fraternidade, por meio de suas pastorais sociais, tem dado passos gigantescos na superação da violência.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019 (DGAE) recordam: com as atitudes de alteridade e gratuidade, expressões do amor, os discípulos missionários promovem a justiça, a paz, a reconciliação e a fraternidade. Desse modo, oferecem à sociedade atual o testemunho do perdão e da reconciliação (Lc 23,34), que devem ser incessantemente manifestados e transmitidos (Mt 18,21-22) em um contexto de crescente violência. O caráter radical do amor de Deus atinge sua extrema manifestação no amor aos inimigos. A reconciliação supera toda divisão que nos afasta de Deus e nos separa uns dos outros (DGAE 12).

– Destaca-se o trabalho da Pastoral da Mulher Marginalizada como uma luz para o enfrentamento e a superação da violência contra a mulher.

– Outras experiências de superação e, conseqüentemente, de humanização dos processos sociais podem ser observadas na Pastoral da Saúde, da Pessoa Idosa, da Pessoa com Deficiência, da Criança e da Sobriedade, em que o “carisma” do cuidado se faz presente.

– O cuidado e a justiça iluminam os trabalhos da Pastoral Carcerária, Indigenista, do Menor, da Mulher Marginalizada, da Terra e o Grito dos Excluídos, em que os embates por políticas públicas de prevenção e superação da violência são por elas assumidos.

– Nas CEBs, na Pastoral Operária e no laicato, é possível compreender a missão de ser sal e luz no mundo.

– Outro trabalho de grande significado é aquele realizado com os usuários de álcool e drogas nos centros de recuperação, como a Associação Esperança e Vida e a Fazenda da

Esperança, ou por pessoas de boa vontade que fazem de suas aptidões profissionais uma missão, acrescentando a “fé” e o “cuidado” no seu agir em relação ao outro.

Por fim, considerando a proposta da Pastoral do Menor, é possível recordar que ninguém nasce infrator. Cabe a todos a missão de ir ao encontro do “outro”. Esse “outro” é o mesmo que o Evangelho de Mateus nos apresenta: “Estive preso e foste me visitar”.

No decorrer da história, várias iniciativas sociais da Igreja foram sendo assumidas pela sociedade e se tornaram políticas públicas. Portanto, o olhar social da Igreja exigiu posicionamento do Estado em relação ao sofrimento humano por ele negligenciado.

## Sociedade: a mudança de paradigma

Pensar a superação da violência no interior do sistema capitalista, que mantém sua centralidade no lucro econômico, e não no ser humano, exige grande esforço na identificação e compreensão das iniciativas que sinalizam possibilidades de enfrentamento e superação da violência. Essas iniciativas, pensadas e desenvolvidas em harmonia com a manutenção desse sistema, no qual o ser humano é apenas um objeto para o consumo, tornam-se “paliativos” para a cultura da não violência (cf. Texto-base da CF-2018).

Portanto, enquanto uma mudança de paradigmas não acontece, é preciso voltar-se para algumas iniciativas que favorecem a construção de uma cultura da paz, mediante a consolidação de políticas públicas e a participação de conselhos paritários de direitos, para o enfrentamento da violência que se desenvolve nos âmbitos de sua abrangência, como é o caso da violência doméstica na sociedade brasileira.

Urge uma reação cidadã, com incidências transformadoras em vários níveis. Só assim será fortalecida a cultura da liberdade e da autonomia, para mitigar a violência e o desrespeito à dignidade.



Sofre-se pela falta de lideranças com estatura, em diferentes níveis. Encontra-se, com maior facilidade, quem levanta a voz para a reclamação e a lamentação, ou mesmo para o vandalismo. Há carência de pessoas que se dediquem a uma atuação mais criativa, corajosamente inovadora e cidadã, especialmente no âmbito governamental, primeiro responsável pelo bem comum. Os descompassos produzidos por tantos desencontros e equívocos nas escolhas das prioridades sociais – por falta de competência humanística e de ajustada visão antropológica de muitos profissionais da política –, ao lado da sede mesquinha de dinheiro, resultam na incapacidade de gerar redes de solidariedade.

## Conclusão

A superação da violência começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana, defendendo e promovendo a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural, tratando o ser humano como fim, e não como meio. A proposta é a superação da violência. Para concluir, bastam as palavras do papa Francisco no encontro com os presidentes Abbas (Palestina) e Peres (Israel) no ano de 2014: “Ouvimos um chamado e devemos responder: o chamado a romper a espiral do ódio e da violência, a rompê-la com uma única palavra: ‘irmão’. Mas, para dizer essa palavra, devemos todos levantar os olhos ao céu e reconhecer-nos filhos de um único Pai”. ●



## Introdução à Ética Teológica

*José Antonio Trasferetti, Maria Inês de Castro Millen e Ronaldo Zacharias*

Este livro é resultado do esforço de três teólogos moralistas que desejam oferecer aos leitores fundamentos para uma reflexão ética sob a perspectiva teológica. Distantes da pretensão de elaborar um tratado de Ética Teológica, os autores dialogam com renomados teólogos moralistas da atualidade e, nesse diálogo, se expressam com liberdade e humildade sobre o presente e o futuro da Ética Teológica.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



# Rosto marcado de sangue: a violência no Brasil à luz do conceito arendtiano de banalidade do mal

César Thiago do Carmo Alves, fmi\*

*A violência, infelizmente, faz parte do cotidiano da sociedade brasileira. Evidenciar esse fenômeno e elucidá-lo com o suporte de experiências e teorias constitui uma tarefa importante para entender o que vem acontecendo no Brasil. O recorte aqui feito é um entre tantos outros possíveis para a reflexão sobre essa temática.*

\*Pe. César Thiago do Carmo Alves pertence à Congregação Religiosa dos Filhos de Maria Imaculada (Pavonianos). É doutorando e mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). É graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (Ista) e em Teologia pela Faje. Possui especialização em Psicologia da Educação pela PUC Minas. E-mail: caesarth@hotmail.com

## Introdução

O conceito arendtiano de banalidade do mal se revela atual no cenário brasileiro. Diante da onda de violência que se verifica em nosso território, faz-se necessário refletir sobre tal fenômeno. Essa violência atinge em cheio a população pobre de nosso país. Pessoas sofrem por conta disso, como no caso de milhares de mulheres que veem seus filhos serem assassinados ou presos.

Tendo presente esse horizonte, procuraremos neste artigo, com base na história de Sheila Cristiana Nogueira da Silva e seu rosto marcado de sangue, discutir a violência no Brasil à luz da banalidade do mal e perceber seus impactos na vida de algumas mulheres. Esse impacto se dá no sofrimento.

## 1. Sheila Cristiana Nogueira da Silva: um rosto marcado de sangue

Mãe de 14 filhos, três dos quais já mortos, Sheila Cristiana Nogueira da Silva é catadora de latinhas. Com esse trabalho, ela sus-



tenta sua família. Mora na comunidade do Fallet, em Santa Teresa, região central do Rio de Janeiro. No dia 10 de junho de 2016, ela recebeu uma notícia terrível. Seu filho Carlos Eduardo Nogueira da Silva, o Dudu, de 19 anos, havia sido assassinado com bala perdida enquanto tomava água de coco com um amigo. O tiro teria vindo da polícia, num suposto confronto entre policiais e bandidos. Ao saber da notícia, Sheila dirigiu-se ao local e, ao encontrar o filho sem vida no chão, passou o sangue dele no próprio rosto. Num depoimento ao jornal *O Globo*, disse: “Pus a mão no sangue que estava ao lado do corpo e passei no rosto mesmo. Porque ele é o meu sangue, ele (o filho) era continuação do meu viver” (GOULART, 2016). Dudu morava na favela e era negro. Sheila, pobre e negra, teve dificuldades financeiras para sepultar o filho, sangue de seu sangue. O seu desejo era encontrar com o assassino de Dudu e dizer: “Muito obrigada, você destruiu a minha vida” (NUNES, 2016). Essa fala vem acompanhada de forte desejo de justiça. O sangue no rosto de Sheila desenha o que há de mais forte e profundo no coração de uma mãe: o amor incondicional pelo filho. A morte não é capaz de distanciar o coração materno daquele que se foi, muito pelo contrário: a memória de que é do mesmo sangue, como expressou Sheila, faz que esse laço seja eterno. Eterniza-se no amor que não faz distinção entre classe social e etnia.

Uma cena comoventemente forte. Preenhe de significados. Profundamente humana. Dor, violência, mal, justiça e tantos outros elementos dela emergem. O sangue no rosto e o olhar sofrido, mas altivo na foto, revelam o drama vivenciado por tantas mulheres em nosso país. A vida delas, por vezes, é destruída pela mesma violência que Sheila teve de enfrentar. No entanto, mulheres como ela são

**“Sheila, pobre e negra, teve dificuldades financeiras para sepultar o filho, sangue de seu sangue”**

verdadeiras mestras em ressignificar a própria existência. Muitas vezes essa ressignificação vem acompanhada da solidariedade com outras mães que vivenciam o mesmo drama. Numa reportagem, quase oito meses após o assassinato de Dudu, Sheila afirmou: “Sinto a dor de cada mãe quando vejo seus filhos sendo mortos. E volto a sofrer tudo de novo pela morte do meu filho. Essa dor nunca vai passar” (“SINTO...”, 2017). A solidariedade é o princípio norteador para a superação do isolamento na dor da perda de alguém que se ama. Essa solidariedade se transforma, por vezes, em motor impulsionador para que se lute em busca da justiça e da paz, sobretudo para as pessoas que, de alguma forma, estão excluídas.

O caso de Sheila é fonte inspiradora para pensar o caminho da banalidade do mal e do sofrimento presente na sociedade brasileira.

## **2. A violência no Brasil à luz do conceito arendtiano de banalidade do mal**

Hannah Arendt (1906-1975), judia alemã, foi uma das maiores filósofas do século XX, embora não gostasse de ser identificada como tal. Sua atividade era pensar a teoria política. Num desses empreendimentos intelectuais, Arendt cobriu o julgamento do nazista Adolf Eichmann (1906-1962), em Jerusalém, para a revista *The New Yorker*. Essa cobertura deu origem posteriormente ao livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Nele, Arendt desenvolveu o conceito de banalidade do mal. Foi uma obra criticada, sobretudo pela comunidade judaica. No livro, ela mostra que a maldade se tornou corriqueira na Alemanha nazista. O que Eichmann fazia nada mais era do que estar dentro de um sistema regular e introjetado de crueldade instalado por Adolf Hitler (1889-1945).



A chamada *Solução Final* (ARENDR, 1999, p. 98-127), que consistia no assassinato de todos os judeus, era naturalizada. Essa naturalização da maldade é o que a filósofa chama de banalidade do mal. Tudo o que Eichmann executou, não o fez sozinho. “Certamente ninguém afirmaria que Eichmann estava sozinho no negócio ou que não admitia obediência a nenhuma bandeira” (ARENDR, 1999, p. 284). Os crimes por ele realizados “só podem ser cometidos por uma lei criminosa e num *Estado* criminoso” (ARENDR, 1999, p. 284).

À luz desse conceito arendtiano é que se propõe entender o sistema de violência instaurado no Brasil e como a população, sobretudo a pobre e negra, se torna vítima. Se na Alemanha nazista os judeus eram os alvos do sistema para que se pudesse purificar aquele país, no Brasil quem está sob essa mira são os pobres e negros. Curiosamente, num rápido olhar, pode-se constatar o nível de violência a que essas pessoas são submetidas pelas forças auxiliares militares dos estados. O relatório global da Anistia Internacional 2016/17, intitulado *O estado dos direitos humanos no mundo*, aponta que a polícia continua fazendo uso excessivo e, ao mesmo tempo, desnecessário da força. Os jovens negros que moram nas periferias e favelas são os mais afetados pela violência policial (ANISTIA INTERNACIONAL, 2017, p. 82). Os homicídios praticados pela polícia aumentaram. De janeiro a novembro de 2016, foram registradas 811 mortes atribuídas a essa categoria somente no estado do Rio de Janeiro. A maioria dos assassinatos continuam simplesmente impunes. Um exemplo é a situação de 23 militares que, em abril de 2016, foram identificados como suspeitos no desaparecimento do jovem Davi Fiuza, de 16 anos, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, em outubro de 2014. No fim de 2016, esse caso ainda não havia chegado ao conhecimento do Ministério Público e, por conta disso, nenhum dos

## Introdução à Teologia Fundamental

J. B. Libanio, sj



224 págs.

A Teologia Fundamental olha para o simples fiel ou para o iniciante do curso de teologia e se pergunta: na condição sociocultural de hoje, que desafios o cristão enfrenta para crer com lucidez e honestidade? Nesta introdução, João Batista Libanio aborda os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



acusados havia sido julgado (ANISTIA INTERNACIONAL, 2017, p. 84).

Além disso, segundo o *Relatório de gestão: supervisão do departamento de monitoramento e fiscalização do sistema carcerário e do sistema de execução de medidas socioeducativas – DMF*, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o Brasil é o quarto maior sistema prisional em número de pessoas no mundo. Perde para os Estados Unidos (2.228.424), China (1.657.812) e Rússia (673.818). No Brasil, 27.950 pessoas estão encarceradas em delegacias e 579.423 em estabelecimentos penais. Sendo assim, o número de pessoas privadas de liberdade ultrapassa a marca de 600 mil. No entanto, existem 379.669 vagas no sistema penitenciário. Desse modo, espaços concebidos para acomodar 10 estão acomodando 16 pessoas (cf. CNJ, 2017, p. 24-25). Na nota de rodapé dessa última informação, o CNJ afirma que, por mais que esse dado estatístico não pareça ser “tão

ruim”, o fato é que esse excedente não é equilibrado. Em alguns lugares, muitas vezes, a taxa de ocupação suplanta 150%.

Em 1988, os representantes do povo brasileiro reunidos em Assembleia Nacional Constituinte, com o objetivo de instituir um Estado democrático, após longo período de ditadura militar (1964-1985), promulgaram a Constituição da República Federativa do Brasil (cf. BRASIL, 1988, proêmio). Logo no início, no Título II, trata dos direitos e garantias fundamentais. Nesse título, o Capítulo I dedica-se aos direitos e deveres individuais e coletivos. O artigo 5º desse capítulo é, por assim dizer, o coração de toda a Constituição Federal de 1988 (CF/88). Nele se afirma no *caput* que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. É interessante notar que a CF/88

**“Se na Alemanha nazista os judeus eram os alvos do sistema para que se pudesse purificar aquele país, no Brasil quem está sob essa mira são os pobres e negros”**



## **Trânsitos religiosos, cultura e mídia**

### **A expansão neopentecostal**

*Adilson José Francisco*

Com raro cuidado, maestria e ética, o filósofo e teólogo Adilson José Francisco apresenta ao leitor um panorama da expansão neopentecostal e suas diversas manifestações no cenário religioso brasileiro. Esta é uma leitura que convida a mergulhar nos desafios que vêm ganhando contorno nas últimas décadas e que modulam, junto a outras conjugações sociais, raciais e culturais, os avatares de homens e seus deuses neste milênio.

**paulus.com.br**

11 3789-4000 | 0800-164011

*vendas@paulus.com.br*



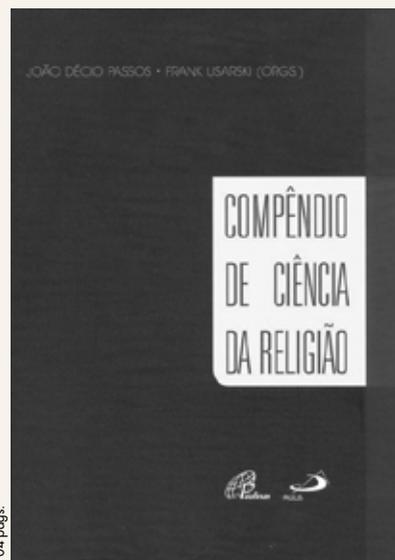
possui alto grau de humanidade. Evidentemente, está marcada por toda uma história que a precedeu, escrita com o sangue e a vida de inúmeras pessoas que lutaram para que se pudesse chegar ao Estado democrático de direito. Contudo, uma pergunta neste ponto emerge: se a CF/88 afirma os direitos fundamentais de toda pessoa humana, logo a lei brasileira não é criminosa, à diferença do caso mencionado por Arendt; em contrapartida, existe alto índice de assassinatos de pessoas das periferias e favelas por parte das forças auxiliares, como apontou o relatório global da Anistia Internacional 2016/17, e o Brasil é o quarto maior sistema penitenciário do mundo, conforme o CNJ. O que ocorre efetivamente em nosso país para que haja tamanho descompasso entre a legislação promulgada e a realidade vivenciada?

A chave hermenêutica para a leitura dessa realidade é a desigualdade social. Não basta ter lei justa que determine o modo de proceder das relações sociais, enquanto, do ponto de vista prático, há uma discrepância econômica que, por sua vez, se torna social. Evidentemente, tal discrepância cria certa cultura no imaginário popular, o qual se transfere para a esfera pública. Quando a polícia aborda e às vezes agride um jovem negro por ser oriundo da favela ou por exibir alguns traços como, por exemplo, um modo peculiar de se vestir, isso se deve a uma cultura introjetada advinda da estratificação social que desigualou os iguais, ferindo a igualdade existente entre todas as pessoas, postulada no *caput* do artigo 5º da CF/88. Desse modo, a estética, como ocorre no exemplo acima, torna-se balizadora para que a maldade, como cultura, possa ser efetuada.

A normatização da maldade no inconsciente coletivo instaura um itinerário de violência. Nesses casos, no Brasil, as vítimas, em sua maior parte, são as pessoas excluídas pelo sistema político-econômico capitalista, o qual, como um lobo, vem para devorar os pobres. Assim sendo, embora haja na Carta

## Compêndio de Ciência da Religião

João Décio Passos e Frank Usarski (orgs.)



Para contribuir com a discussão sobre a posição institucional, as especificidades e as conquistas intelectuais da Ciência da Religião, este compêndio reúne as reflexões de dezenas de autores sobre o assunto em cinco seções temáticas: "Epistemologia da Ciência da Religião", "Ciências Sociais da Religião", "Ciências Psicológicas da Religião", "Ciências das Linguagens Religiosas" e "Ciência da Religião Aplicada".

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Magna da República Federativa do Brasil direitos fundamentais assegurados a todas as pessoas, o inconsciente coletivo não vê problema em torturar aquele que foi apontado como criminoso, ainda que por vezes seja inocente. O sentimento de justiça está misturado com o ódio. Basta dizer que alguém é suspeito, para a mídia e determinados setores da elite brasileira processarem e transitarem em julgado a sentença penal, condenando-o ao encarceramento ou até mesmo à morte. Esse processo não se dá na esfera do Judiciário, mas sim na propaganda que cotidianamente se faz de certa parcela da população, a mais vulnerável. No plano simbólico, é violado o inciso LVII do artigo 5º da CF/88, que afirma que “ninguém será processado nem sentenciado senão pela autoridade competente”. A mídia e a elite viraram o tribunal de condenação e absolvição.

Diante desse cenário que afeta majoritariamente a população jovem, negra e presidiária, urge reafirmar o Estado democrático de direito. Além disso, faz-se necessário repensar as políticas públicas no que tange à educação e à segurança, para que seja minimizado, até a ponto de ser extinto, o inconsciente coletivo da banalidade do mal. Uma vez que se injetem recursos econômicos, sobretudo no campo educacional, oferecendo a todos as mesmas possibilidades, sem disparidades nem privilégios de uns em detrimento de outros, pode ser que diminua a desigualdade social e, por consequência, nova cultura de paz seja construída. Enquanto isso está no campo das utopias, há que pensar em soluções um tanto quanto imediatas para coibir as ações truculentas de maldade por parte das forças auxiliares do Estado. Indubitavelmente, uma das ações é o fortalecimento das frentes de luta pelos direitos humanos. Essas frentes ajudam, de al-

gum modo, a consolidação do Estado democrático de direito em favor da igualdade entre todas as pessoas.

### **3. Um impacto da violência: o sofrimento**

O sofrimento faz parte da trama do existir humano. É importante para o itinerário existencial aprender algo com ele. Contudo, existem sofrimentos impostos que, de alguma forma, geram revolta. Aquele gerado pela violência conectada com a banalidade do mal é um deles. Pessoas são tachadas, como exemplificamos no item anterior, e a elas é destinada a violência. Se já não bastasse a violência que os pobres e negros deste país são condenados cotidianamente a sofrer devido à sua condição social e/ou étnica, vem ainda o Estado, com sua força, reprimi-los.

Muito ainda a sociedade brasileira tem de aprender com as mulheres. Elas são sinais de superação e resiliência. Isso é notório no sistema prisional brasileiro. Ao percorrer os presídios masculinos e femininos, uma constatação pode ser imediatamente feita: o índice de mulheres que vão aos presídios masculinos fazer visitas é surpreendentemente mais elevado do que o dos homens que visitam os presídios femininos. Essas mulheres que vão visitar são mães, esposas, irmãs dos presidiários. Todas passam pela revista vexatória, mas mesmo assim estão lá, em prontidão, para acompanhar o encarcerado.

As lágrimas de uma mãe nesses lugares são comoventes e, ademais, provocam profunda conversão em quem as escuta com os ouvidos treinados para ser humanos. Mesmo diante do crime, seja ele de maior ou menor grau, elas dificilmente abandonam seus filhos na prisão. Muitas, com pouca instrução sobre o processo do filho, buscam de forma desesperada informações. Correm atrás dos defensores públicos

**“Os jovens negros que moram nas periferias e favelas são os mais afetados pela violência policial”**

ou de advogados particulares. São capazes de vender tudo para poder aliviar a pena do filho ou da filha. Agentes da Pastoral Carcerária são testemunhas desses gestos maternos.

O sofrimento de uma mãe pelo filho encarcerado constitui verdadeira escola de esperança. Muitas delas são religiosas. Têm fé em Deus. Acreditam que o divino não irá abandoná-las nesse calvário. As de confissão católica associam o seu sofrimento ao da mãe de Jesus, que viu o filho ser preso, acusado e condenado à morte pelo império romano, motivado pelo alto escalão da religião judaica da época. A esperança dessas mães remete à das mães que perderam seus filhos vítimas da violência urbana. E quando a vida dos filhos é ceifada pelas forças auxiliares do Estado, isto é, pela polícia, tudo pelo que elas clamam é justiça. Assim sendo, mais uma vez, a conexão com a mãe de Jesus se faz presente de forma indireta. A justiça feita na vida de Jesus foi a ressurreição operada pelo Pai na força do Espírito. A ressurreição dos seus filhos, elas esperam ainda na história, com a identificação e a condenação penal dos responsáveis pela morte deles. É uma dor inenarrável, dizem elas. Somente uma mãe que perdeu seu filho vítima da violência sabe o que significa esse sentimento.

O Estado, diante dessa realidade, é chamado a se posicionar. Sua posição deveria ser evidentemente de respeito a essas pessoas que sofrem com a perda irreparável. No entanto, não é a isso que comumente se tem assistido no cenário nacional. Muitas dessas mulheres acabam condenadas duas vezes. A primeira, pelo fato de não terem mais consigo o filho. A segunda, por terem de suportar a morosidade do Estado, isso quando o processo não é simplesmente arquivado.

## Conclusão

Inúmeras são as “Sheilas” presentes em nosso país. Não é novidade este cenário: mães que perdem filhos vítimas da violência. Uns são assassinados, outros sofrem violên-



## Relíquia

O destino do corpo na tradição cristã

Ario Borges Nunes Junior



O conceito de relíquia tratado neste livro diz respeito ao corpo ou, mais precisamente, ao que permaneceu do corpo após a morte – estendendo-se também aos objetos que estiveram a serviço desse corpo ou se relacionaram com ele. A partir do objeto definido como relíquia, a obra discute estratégias para o confronto com a realidade corporal, sob a dupla perspectiva de vida e morte.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



cia encarcerados. Tudo isso faz que o coração de uma mãe se compadeça ainda mais. Diante do sofrimento do filho, ela não fica alheia. Muito pelo contrário, faz-se presente.

A desigualdade social no contexto da banalização do mal se torna efetivamente algo a ser combatido. Uma vez enfrentado esse problema, a tendência seria, paulatinamente, ir mudando o cenário de condenar as pessoas com base em sua estratificação social e etnia. Assim, diminuiria o fardo do sofrimento imposto a tantas pes-

soas que, de alguma forma, são vítimas do sistema político-econômico e social.

Pensar, com foco na educação, propostas para a superação dessa conjuntura social se impõe quase como que um imperativo para que se cumpra o postulado pela CF/88 no *caput* do seu artigo 5º. Desse modo, poder-se-á vislumbrar, de forma efetiva, um Estado democrático de direito onde a violência não tenha tanto espaço e a paz seja soberana. Que justiça e paz se abracem! (SI 85,11) ●

## Bibliografia

ANISTIA INTERNACIONAL. *O estado dos direitos humanos no mundo*: informe 2016/17. Disponível em: <[https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2017/02/AIR2017\\_ONLINE-v.3.pdf](https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2017/02/AIR2017_ONLINE-v.3.pdf)>. Acesso em: 19 ago. 2017.

ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 19 ago. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Relatório de gestão*: supervisão do departamento de monitoramento e fiscalização do sistema carcerário e do sistema de execução de medidas socioeducativas – DMF. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2017/04/23902dd211995b2bcb8d4c3864c82e2.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

GOULART, Gustavo. “Ele era a continuação do meu viver”, diz mãe de jovem morto no Querosene. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jun. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/ele-era-continuacao-do-meu-viver-diz-mae-de-jovem-morto-no-querosene-19495289#ixzz4qWgDgsmT>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

NUNES, Marcos. “Destruí minha vida”, diz mãe que passou sangue do filho morto no rosto. *Extra*, Rio de Janeiro, 13 jun. 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/destruiu-minha-vida-diz-mae-que-passou-sangue-do-filho-morto-no-rosto-19494521.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

“SINTO a dor de cada mãe quando vejo seus filhos sendo mortos”, diz catadora que perdeu o filho para violência. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 fev. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/sinto-dor-de-cada-mae-quando-vejo-seus-filhos-sendo-mortos-diz-catadora-que-perdeu-filho-para-violencia-20860154>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

**Folheto O Domingo** – um periódico que tem a missão de colaborar na animação das comunidades cristãs em seus momentos de celebração eucarística.

**Assine:** [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)

# O genocídio da juventude negra/preta



Dalila Brito Rita\*

*“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós, quando estamos no fim da vida, é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”*  
(Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo, 1960).

\*Dalila Brito Rita é bacharela em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom). Feminista e ativista do Orgulho Negro Mairiporã (SP), professora de Filosofia na Diretoria de Ensino da cidade de Caieiras (SP).

*Distingo juventude negra e preta devido à discriminação do acesso dessa juventude por causa de sua tonalidade de pele. Segundo Carneiro (2004): “Faz-se isso pelo deslocamento da negritude, que oferece aos negros de pele clara as múltiplas classificações de cor”, o que acaba por desqualificá-los para o acesso a seus direitos e reforça o não reconhecimento da sua cor negra, sobretudo preta.*

## Introdução

A proposta desta escrita e pensamento é examinar uma situação existente há séculos no país, a qual, por consequência de uma política de Estado conivente, permanece oculta aos olhos da população e ausente do debate nacional. Outro propósito destas linhas é ajudar a perceber qual seria nossa responsabilidade presente diante das condicionantes de um passado que nos foi dado.

O genocídio da juventude negra/preta continua entre nós, e cabe-nos questionar o



porquê dessa sua permanência nos tempos atuais, a qual não tem o condão de nos causar horror. Qual lacuna existe na estrutura do Estado para levá-lo a não se interessar por esse assunto, que se traduz na morte da juventude negra todos os dias, a cada 23 minutos?

A opressão dentro e fora das periferias e favelas tem consequências físicas e mentais. Como nos atinge institucionalmente ao adentrar a estrutura do Estado e incidir sobre o trabalho, a educação e a vida social?

## 1. O genocídio da juventude negra/preta

Em tempos de desestruturação na esfera social, a ideia de Estado de direito traz-nos o conforto de conceber algo que nos parece pertencer. Por isso é que certo espanto pode nos acometer ao pesquisarmos no Google a palavra “escavidão” e, no primeiro tópico de busca, constatarmos que a Wikipédia a define como “prática social em que um ser humano assume *direitos* (grifo nosso) de propriedade sobre outro designado por escravo”.

A palavra “direito” perde sua transparência também quando percebemos o grande problema que o passado legou como reflexo para o presente. Ao tratarmos da juventude negra, o direito será de quem?

Leituras densas e extensas não estão na moda, assim como não está a “arte do pensar”. Estudos sobre a população negra, que representa hoje 54% da população brasileira, de acordo com o IBGE, dificilmente têm lugar nas instituições de ensino, quanto mais na mesa do educando.

Não se pode traçar um retrato da juventude negra sem levar em conta que os conteúdos midiáticos, esses que estão particularmente nos canais abertos televisivos, tornaram-se espelhos universais da “verdade”. A periferia e a juventude negra são vistas pela

mídia como parte invisível da realidade, ponderação inquestionável sobretudo quando se trata da opressão que essa juventude sofre todos os dias.

Com efeito, segundo Bento e Beghin, num texto para o boletim do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), como “principais vítimas da violência urbana, alvos prediletos dos homicidas e dos excessos policiais, os jovens negros lideram o *ranking* dos que vivem em famílias consideradas pobres e dos que recebem os salários mais baixos do mercado” (2005, p. 194). Particularmente no

questo segurança, as pesquisadoras afirmam:

**“A periferia e a juventude negra são vistas pela mídia como parte invisível da realidade”**

Segundo estimativas da Disoc/Ipea, a partir de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), em 2000, a taxa de vítimas de homicídio de jovens negros era de 74,1 por 100 mil habitantes, bastante superior à observada para os brancos da mesma idade, de 41,8 por 100 mil habitantes. Numa equação bem conhecida, a conjugação perversa de diversos fatores, tais como racismo, pobreza, discriminação institucional e impunidade, contribui para a falência do sistema de segurança e justiça em relação à população negra. Essa relação não é fruto do acaso: distorções como a “presunção de culpabilidade” em relação aos negros resultam em ações que promovem a eliminação pura e simples dos suspeitos, violando os direitos humanos e constitucionais desses jovens. Ações que de tão recorrentes e banalizadas denunciam um processo silencioso de eliminação desse grupo da população (BENTO; BEGUIN, 2005, p. 195).

Já no *Atlas da Violência 2017*, o Ipea e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública retratam que, no ano de 2015, “60,9 indivíduos



para cada grupo de 100 mil jovens, entre 15 e 29, foram mortos. Se considerarmos apenas a juventude masculina, esse indicador aumenta para 113,6". O que isso significa é que, a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil.

A professora Rosane Borges, num debate promovido pela 2ª Jornada pela Democracia, afirmou que "há toda uma discussão histórica da própria polícia, que ela substitui o capitião do mato. A nossa polícia tem uma concepção entreguista. Percebe, entrega e denuncia. Então a própria base de formação da polícia é uma base de uma herança escravocrata. E a gente sabe quem era perseguido no regime da escravidão" (SEGUNDA..., 2015).

O nome genocídio, como muito bem descrito por Queiroz (2015), "surgiu da junção da palavra grega *gênos*, que significa raça, povo, tribo ou nação, e da palavra latina *caedere*, que quer dizer destruição, aniquilamento, ruína ou matança. Assim, genocídio quer significar a destruição de uma raça". O pouco que existe de atenção à dramática situação da juventude negra só foi possível devido às inúmeras denúncias dos movimentos sociais dos negros e negras no Brasil.

"Como manter cultura de paz em territórios mantidos pelo espectro da guerra? Ainda assim, com poucas alternativas, os jovens das periferias tem [sic] subvertido a opressão a que são submetidos. Têm sido eles mesmos agentes de sua própria libertação" (PACHECO, 2016, p. 66).

A estrutura da política de Estado mata a juventude negra em todos os espaços públicos. Segundo Pacheco (2016, p. 66): "Como haver vida segura onde a segurança é a coerção para causar insegurança (na reação, na crítica, na denúncia e na expressão de insatisfação dos descontentes, e insegurança na reivindicação por outra política pública)?"

A juventude negra tem medo da polícia. Quem era para se sentir seguro sabe da ameaça que a própria sociedade já impôs,

## Entre a Filosofia e a Teologia

### Os futuros contingentes e a predestinação divina segundo Guilherme de Ockham

Carlos Eduardo de Oliveira



Liberdade, necessidade, livre-arbítrio, contingência, ciência e vontade. Um antigo debate gira em torno da conciliação desses elementos: se o homem é livre para escolher, é possível que alguém saiba previamente o resultado de suas escolhas sem privar-se de sua liberdade? A obra analisa a reflexão que Guilherme de Ockham, frade franciscano do século XIV, apresenta sobre o problema, ao mesmo tempo que dialoga com o pensamento aristotélico sobre a mesma questão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



não sendo aceito em determinados locais de direito. Ainda de acordo com Pacheco (2016, p. 68): “Balas de PM e celas do Sistema Penitenciário Brasileiro têm preferência sim por cor de pele, condição social, território e faixa etária”.

As Mães de Maio estão aí e, como elas, não podemos silenciar. Ao que nos parece, a estrutura de Estado pouco se importa com a juventude negra e pouco se importa com o incremento da educação estatal para o reconhecimento dessa mesma juventude, não obstante o avanço representado pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, promulgada como adendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

A Lei 10.639 proporciona conhecimento e contato com a cultura africana e afro-brasileira que até então estava oculta e silenciada. No Brasil, ter essa vivência com as culturas africanas transformaria essa civilização, porque a história diz que negros e negras foram “conquistados” pelos “brancos”, sendo que a colonização, civilização cultural, política, tecnológica, econômica e religiosa vêm dos africanos e afro-brasileiros (ROSA, 2015, p. 5).

Não há como falar em universalidade e igualdade de direitos se a juventude negra vem sendo exterminada por obra do próprio Estado. Nas palavras do então secretário nacional da juventude, Gabriel Medina, em debate promovido pela 2ª Jornada pela Democracia, “o que vem puxando o aumento dos homicídios no país tem cor, tem geração – são jovens, na sua maioria –, e esse é o dado que temos que trabalhar, inclusive para convencer a sociedade de que não se trata de uma política geral, generalizada, universal. É

uma política que tem que ter enfoque racial-geracional” (SEGUNDA..., 2015).

Não seria necessário evocar exemplos reais para fundamentar essas constatações se houvesse o mínimo discernimento coletivo sobre tal realidade. Como este, porém, se encontra quase que ausente no cenário nacional, cabe mencionar o caso recente do jovem

negro Rafael Braga Vieira, um entre tantos outros jovens que conhecem e temem o Estado e a sociedade em que vivem.

**“Não há como falar em universalidade e igualdade de direitos se a juventude negra vem sendo exterminada por obra do próprio Estado”**

Essa é a história de Rafael Braga Vieira, jovem negro, pobre, semiletrado, que naquela noite fora preso por estar portando dois recipientes com produtos de limpeza. Ao ser levado, os policiais alegaram que ele carregava material para a produção de coquetel molotov, ignorando

completamente o fato de que tal explosivo só pode ser feito com garrafas de vidro, e os recipientes do Rafael eram de plástico. Mas é mais do que isso. Rafael não estava na manifestação, não entendia nada de política, militâncias ou ato, apenas trabalhava como caçador de recicláveis e fazendo pequenos bicos, entre eles limpeza. Ainda assim, Rafael fora condenado a cinco anos de prisão em regime fechado. Posteriormente, por pressão de vários movimentos e coletivos e grupos de advogados que atuam com direitos humanos, Rafael ganhou a oportunidade do semiaberto, podendo trabalhar e ir para casa usando a tornozeleira eletrônica. Mas foi preso novamente, agora por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora local. Forjaram para ele um flagrante com drogas e o levaram preso novamente, agora sob a acusação de envolvimento com o tráfico (PACHECO, 2016, p. 67).



Aquilo que os meios de comunicação omitem fica velado aos olhos do público, corroborando a versão dos que sabem a quem acusar, porque têm privilégios para isso. O critério adotado pela sociedade para atribuir veracidade às notícias é que estas sejam apresentadas por formas e meios fidedignos, mas nem sempre essa “roupagem” transmite uma verdade de fato. De acordo com Rosane Borges, por ocasião do evento já citado:

Resta-nos, assim, propugnar a assunção de outros padrões de noticiabilidade. É preciso mudar o regime de visibilidade em voga, do qual o jornalismo faz parte, para que outros enunciados do visível, a serviço da pluralidade, povoem os suportes de informação. É preciso mudar as regras do jogo, que não se esgotam em soluções meramente técnicas. Se acatar-mos a ideia segundo a qual os discursos se institucionalizam em fundamento e anteparo para as regras, expressando-as, mas também as legitimando, é só por meio deles, dos discursos, que se redefine uma ortografia do visual (SEGUNDA..., 2015).

Acerca desse ponto, uma grande estudiosa de Hannah Arendt faz importante ponderação: “O cultivo da humanidade é crucial para o juízo reflexivo, pois o espectador que julga precisa ser capaz de ‘pensar no lugar de todos os outros’” (ASSY, 2015, p. 182).

## 2. Não nos causa horror!

A estrutura que se forma contra a juventude negra e a caricatura que dela se faz para exterminá-la garantem a invisibilidade de sua existência e condição, e a associação dela com a criminalidade parece mais razoável do que questionável. Assim o expressa a música *Negro drama*, dos Racionais MCs, composta em 2002, que retrata a vida do jovem negro e consagra o *rap* nacional vindo das periferias, e so-

## O labirinto sagrado

Ensaio sobre religião,  
psique e cultura

Marcial Maçaneiro



*O labirinto sagrado* nos possibilita sondar o fascinante mundo da experiência religiosa. Nos oito ensaios temáticos, ordenados como coletânea, o autor tece um diálogo entre subjetividade e história, psique e cultura. Em suas linhas conclusivas, elementos de fenomenologia religiosa propiciam o discernimento de novas perspectivas da espiritualidade cristã, aproximando Ciência da Religião e Teologia Espiritual.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



bretudo das favelas. Em certo trecho podemos ouvir: “[...] recebe o mérito a farda que pratica o mal, me ver pobre, preso ou morto já é cultural”. Ou seja, na sociedade atual se encontra culturalmente introjetada essa lógica, que contamina até as mais altas políticas de Estado. É o que se percebe quando se analisa o conteúdo da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55, promulgada em dezembro de 2016. Conforme a reflexão de Almeida (2016),

A partir do momento em que a PEC 55 limita o financiamento dos direitos sociais, temos, sim, uma proposta também racista. Segundo dados do IBGE, Ipea e do Relatório Anual das Desigualdades Raciais da UFRJ, a população negra, em seu conjunto, é a que mais depende de serviços públicos como saúde e educação, bem como do sistema de seguridade social, que engloba previdência e assistência social. Ora, a PEC 55 prevê um congelamento orçamentário de 20 anos de duração, em que o orçamento de um ano para outro só poderia ser corrigido pela inflação, independentemente de eventual aumento do PIB ou das necessidades concretas da população. A capaci-

dade de planejamento e de formulação de políticas públicas serão [sic] irremediavelmente comprometidas, e com ela a estabilidade política e econômica.

Não nos causa horror existirem lacunas não fechadas do passado que continuam influenciando tão decisivamente no tempo presente. Uma reportagem de 2016 espelha o tamanho da irresponsabilidade racista e a extensão profunda das chagas pretéritas até

hoje não remediadas. A autora é Cecília Olliveira, e o título do texto não poderia exprimir de forma mais explícita as condições da sociedade brasileira: *Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “sem racismo”*. Trata-se da Fazenda Santa Eufrásia, em Vassouras (RJ), a 111 quilômetros do centro do

Rio, cuja proprietária oferece um “atrativo turístico” vestindo-se de sinhá e disponibilizando aos visitantes os serviços de mulheres vestidas de mucamas – embora garanta que a atividade não guarda nenhuma relação com a prática do racismo.

Um passado escravocrata assombra o presente por meio de espectros racistas que, conscientemente ou não, buscam perpetuar e naturalizar esse tipo de opressão, tornan-

**“É preciso mudar as regras do jogo, que não se esgotam em soluções meramente técnicas”**



176 páginas

## **Sociologia da religião e mudança social**

**Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**

*Beatriz Muniz de Souza e Luís Mauro Sá Martino (orgs.)*

Não é possível compreender a realidade brasileira sem levar em conta a atuação dos diversos grupos religiosos no cotidiano. É necessário, portanto, indicar caminhos, métodos e levantar questões para entender as relações entre religião e sociedade. Neste trabalho, nove dos principais especialistas brasileiros em sociologia da religião estudam as complexas relações entre os fenômenos religiosos, modernidade e mudança social.

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)

11 3789-4000 | 0800-164011

[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)



do-se o retrato acabado de uma catástrofe invisível e avessa às investidas da razão.

A quem favorece os privilégios de um Estado que insiste em permanecer no passado? Segundo Schumacher (2017, p. 1), “sendo a branquitude uma zona de conforto, um lugar constante de privilégio social, material ou simbólico, que restringe o acesso do outro, devemos ter sempre muito cuidado para não cair na tentativa de uma isenção de culpabilidade a quem goza dos benefícios”.

### 3. Consequências físicas e mentais

O racismo, seja ou não explícito, traz consequências físicas e mentais à juventude negra. A revista *Exame* de setembro de 2014 traz a seguinte afirmação da socióloga Trenette Clark, da Universidade da Carolina do Norte: “A discriminação explícita é uma fonte frequente de problemas de saúde, embora seja negligenciada, e tem efeitos comparáveis à morte de um ente querido ou à perda de um trabalho”. Trata-se de comentário a um estudo realizado por pesquisadores americanos que concluiu que sofrer racismo com frequência e em diversas situações torna as pessoas mais sujeitas a ansiedade, depressão e problemas com drogas. Semelhante compreensão transparece na notícia veiculada pelo Conselho Federal de Psicologia em março de 2016, o qual, ademais, demonstra

preocupação com a prática do racismo na atuação dos próprios profissionais da área:

Em 2016, a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) definiu o tema racismo como preocupação central para o ano de 2016, abordando temas como a violência simbólica, física e policial contra os não brancos do país. Mesmo com a Resolução nº 018/99 do CFP, que estabelece as normas de atuação dos psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial, os casos de racismo na atuação da Psicologia ainda persistem. A Psicologia entende que o racismo é promotor de transtorno mental e adoece (SEMANA..., 2016).

Finalizo ressaltando a importância dos nossos questionamentos e do cultivo do sentido de responsabilidade sobre o mundo e dando a conhecer uma fala da professora e filósofa Angela Davis, que, no dia 21 de junho de 2017, no Oakland Book Festival, na mesa de debate “On Inequality”, afirmou: “Se as vidas negras realmente importassem, isso significaria que todas as vidas importam! Isso seria a indicação de que todas as vidas importam”. O que podemos pensar e deixar como reflexão é: Se “todos somos iguais”, por que a juventude negra continua sendo exterminada? ●

## Bibliografia e meios audiovisuais

- ALMEIDA, Silva. “Se a PEC 55 limita direitos sociais, é uma proposta também racista”. *CartaCapital*, São Paulo, 22 nov. 2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/se-a-pec-55-limita-direitos-sociais-e-uma-proposta-tambem-racista>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- ASSY, BETHANIA. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGUIN, Nathalie. Juventude negra e exclusão radical. *Boletim de Políticas Sociais*: Ipea, Brasília, DF, 14 jun. 2005. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com\\_content&view=article&id=657](http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=657)>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara. *Geledés*, São Paulo, 29 maio 2004. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.



- DAVIS, Angela; BUTLER, Judith. Uma conversa com Angela Davis e Judith Butler. *Ceert*, São Paulo, 16 jul. 2017. Disponível em: <[http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/18180/uma-conversa-com-angela-davis-e-judith-butler?fb\\_comment\\_id=1426354820775209\\_1429245050486186#f1b0dda5d0fad](http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/18180/uma-conversa-com-angela-davis-e-judith-butler?fb_comment_id=1426354820775209_1429245050486186#f1b0dda5d0fad)>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- ENFRENTAMENTO ao genocídio da juventude negra. Fundo Brasil de Direitos Humanos e Funkee, 9 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IyxzUmyaXS8>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- ESCRavidão. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Escravidão>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- GUIMARÃES, Saulo Pereira. Racismo causa ansiedade e depressão em vítimas, diz pesquisa. *Exame*, São Paulo, 15 set. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/racismo-causa-ansiedade-e-depressao-em-vitimas-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da Violência 2017*. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/2017>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- JOVENS negros são as principais vítimas da violência no Brasil. *ONU Brasil*, 7 maio 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-jovens-negros-sao-as-principais-vitimas-da-violencia-brasil/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- OLLIVEIRA, Cecília. Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda “sem racismo”. *The Intercept Brasil*, 6 dez. 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>>. Acesso em: 26 ago. 2017.
- PACHECO, Ronilson. Onde paz e segurança ainda não se conhecem. In: MOTA, Sônia; SCHERER, Edoarda S.; SOUZA, Daniel (Org.). *Direito à vida da juventude*. Centro de Estudos Bíblicos (Cebi): São Leopoldo, 2016.
- QUEIROZ, Leonardo. O genocídio da juventude negra no Brasil. *Geledés*, São Paulo, 11 maio 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-genocidio-da-juventude-negra-no-brasil/#gs.spzzIIU>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- RACIONAIS MC'S. *Negro drama*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7Kni\\_KvBhMI](https://www.youtube.com/watch?v=7Kni_KvBhMI)>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- ROSA, Tayna Célia de Almeida. *Afro-educação: desafios para a superação do racismo nas escolas a partir da implementação da Lei nº 10.639/03*. Trabalho apresentado ao 15º Congresso Nacional de Iniciação Científica, Ribeirão Preto, 2015.
- SCHUMAHER, Schuma. Branquitude para além do incômodo. *Geledés*, São Paulo, 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/branquitude-para-alem-do-incomodo/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- SEGUNDA Jornada pela Democracia – Autos de resistência: genocídio da juventude negra. Rede TVT, 19 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bEGrNHUWnzE>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- SEMANA da mulher: o racismo é promotor de transtornos mental e adoece. CFP, Brasília, DF, 9 mar. 2016. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/semana-da-mulher-o-racismo-e-promotor-de-transtorno-mental-e-adoece/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

### **Folheto O Domingo – Celebração da Palavra:**

O objetivo deste periódico é celebrar a presença de Deus na caminhada do povo e servir às comunidades eclesiais na preparação e realização da Liturgia da Palavra. Ele contém as leituras litúrgicas de cada domingo, proposta de reflexão, cantos do Hinário litúrgico da CNBB e um artigo que trata da liturgia do dia ou de algum acontecimento eclesial

**Assine:** [assinaturas@paulus.com.br](mailto:assinaturas@paulus.com.br)



# A condição das mulheres na crise da civilização: possíveis respostas de uma pedagogia franciscariana

Marcus Vinicius de Souza Nunes, ofmCap\*

*O Brasil tem assistido a uma série de atentados à dignidade da mulher. Violência doméstica e estupros são apenas o ponto extremo daquilo que aqui chamamos crise do paradigma de civilização. A nossa proposta é apresentar serena reflexão sobre a condição das mulheres e sobre certos aspectos da denominada “questão de gênero” à luz de alguns princípios pedagógicos pensados na perspectiva da espiritualidade de Clara e Francisco de Assis.*

\*Frei Marcus Vinicius de Souza Nunes, ofmCap, pertence à Província do Paraná e Santa Catarina dos Frades Capuchinhos. É mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente se dedica ao atendimento pastoral na Paróquia Nossa Senhora da Luz, em Curitiba (PR).  
E-mail: mvinicius.snunes@gmail.com

## Introdução

O Brasil sofre com a brutalidade e a barbárie. As mulheres e os homens de bem se veem na triste situação de ter de dar conta de crimes que, transcendendo o nível particular de agressão a uma pessoa, alcançam o nível de verdadeira agressão à humanidade. Como explicar o estupro de uma menina de 16 anos por um grupo de mais de 30 homens (VÍTIMA..., 2016)? A mera menção do crime revolta aqueles dotados de senso de justiça e



compaixão. Como encarar esse fato, infelizmente um entre tantos, sem simplesmente demonizar os culpados e, assim, rechaçando-os, crer que tão hediondo crime não corresponde à crise que vivemos, mas constitui somente uma exceção que deve ser legada à esfera do absurdo? Não basta declará-lo absurdo e abandonar a questão. Faz-se necessário enfrentá-la.

O âmbito da resposta não pode ficar restrito aos necessários dispositivos jurídicos. Não estamos tratando apenas de um fato criminal isolado. Ao contrário, dados divulgados pelo Portal Brasil (DOIS..., 2017) indicam que dois em cada três brasileiros já presenciaram atos de violência contra a mulher. Estamos falando de uma profunda crise da civilização ocidental (MURARO; BOFF, 2002) que tem seu ponto extremo na relação entre os gêneros e nos casos brutais de violência contra a mulher em suas variadas formas. Uma crise em que o “macho”, durante séculos inquestionado em seu papel, precisa ser repensado e reconfigurado. Uma crise que faz a barbárie corriqueira.

Onde há morte e demanda pela vida, nós, cristãos, somos convocados a dar uma resposta evangélica. Uma vez que o paradigma histórico-social em crise é também formado pelo cristianismo histórico ocidental, temos responsabilidade não apenas pela crise, mas maior responsabilidade pelos meios de transformação do paradigma mediante a vida evangélica. Somos responsáveis pela mudança, somos os semeadores da *metanoia*.

O que propomos neste texto é delinear, o mais lúcida e claramente possível, uma (entre tantas) resposta evangélica à barbárie, resposta que passa pelo enfrentamento pacífico e testemunhal (querigmático e martirial) da crise do paradigma civilizacional, tal como se

apresenta nas questões de gênero, especialmente no caso-limite da violência contra a mulher. O que apresentaremos é uma proposta bem determinada: cinco princípios de *pedagogia espiritual* que podem auxiliar-nos na acolhida das atuais questões de gênero – sobretudo no que tange à mulher e à sua condição – em nossa ação testemunhal na pastoral. Ainda que seja universalmente pensado, o artigo dirige-se, de maneira particular, aos agentes de pastoral *homens*, pelo simples motivo de que nós, homens, devemos fazer um esforço para que nossa prática pastoral e nossa visão da condição da mulher não fiquem presas a um paradigma de civilização em crise e caduco, mas se transformem, vinculando-se a um paradigma plural e acolhedor. Tais princípios apresentaremos à luz de santa Clara de Assis e são Francisco de Assis, o homem que queria que seus frades fossem como mães uns para os outros (*Regra para os Eremitérios*, 1-2).

**“Não obstante os grandes avanços do século XX, iniciamos o século XXI sem suficiente e verdadeiro espaço de autodeterminação para as mulheres”**

## **1. A crise e o cristianismo**

Começamos fazendo um exercício de honestidade. Não obstante os grandes avanços do século XX, iniciamos o século XXI sem suficiente e verdadeiro espaço de autodeterminação para as mulheres. E isso em todos os âmbitos da vida humana, incluindo o dia a dia de nossa prática pastoral. Não pretendemos entrar aqui em questões controversas, como seria aquela do sacerdócio feminino ou da presença das mulheres nos altíssimos âmbitos de decisão da Igreja hierárquica. Trataremos da mais “simples” questão da capacidade de ser uma presença testemunhal e pastoral da acolhida e da escuta das mulheres em sua inteireza. Essa inteireza envolve, por exemplo, as novas linguagens nascentes. Não apenas novos meios, novas mídias, códigos renovados. Esses mesmos códigos têm sido a



linguagem que as jovens mulheres têm usado para mostrar ao mundo quão aptas e dispostas se sentem a assumir a luta por seus direitos de maneira ordinariamente pacífica, mas, se necessário, até no confronto direto com as forças de coerção, como a polícia. É assim que vemos jovens brasileiras em inúmeros *blogs* e perfis na internet falando livremente das mais diversas questões, desde maquiagem ao hediondo crime do estupro, das tendências musicais aos preconceitos sofridos, até a presença predominantemente feminina e jovem nas ações políticas, como na greve de estudantes secundaristas ocorrida em São Paulo em 2015. As diversas mídias já divulgam o fato que temos percebido: lidamos com uma geração em que o cosmopolitismo é o habitual e a transparência, a palavra de ordem. Somos convidados por tais fatos a pensar “uma antropologia que seja capaz de ultrapassar a experiência do ‘homem’ como experiência normativa para todo comportamento humano” (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 22).

O exemplo mais claro de que nosso esforço testemunhal é necessário e temos de caminhar rumo a ele são os alarmantes números da violência. Uma menina de 16 anos violentada por mais de 30 “machos” fortemente armados – que divulgaram o fato na internet, orgulhando-se do ocorrido – poderia ser apenas um caso isolado, ainda que brutal. Contudo, para indicarmos o tamanho do problema, somente no município de Joinville, em Santa Catarina, com pouco mais de 500 mil habitantes, em uma região altamente desenvolvida do país, registra-se a ocorrência de um estupro a cada três dias (SAAVEDRA, 2016). E esses são apenas os casos oficiais, relatados à polícia e investigados. Ou poderíamos mencionar ainda Curitiba, no Paraná, onde, apenas de janeiro a fevereiro de 2017, foram registrados mais de mil boletins de ocorrência de casos de agressão contra a mulher (CURITIBA..., 2017).

## A rota antiga dos homens perversos

René Girard



A Bíblia narra a curiosa história de Jó, que perdeu tudo, foi rejeitado pelos seus, abandonado por Deus e se lamenta por sua desgraça. Ela apresenta também os diálogos entre Jó e aqueles que se dizem seus amigos. Neste livro, René Girard retoma algumas ideias sobre o conceito de “bode expiatório”, a fim de explicar a posição de Jó diante dos três amigos.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Como cristãos, devemos seriamente nos perguntar: “O que posso fazer à luz do evangelho?”. O cristianismo é religião de conversão. Não de uma conversão sociológica, de mudança de grupo de pertença. A conversão que é a base de nossa fé constitui um percurso espiritual, uma transformação constante de nossa pessoa até que nos tornemos, pouco a pouco, mais parecidos com Jesus, que se deixou comover pela mulher que, humilhada pelo mundo, lhe pediu a cura (Mt 9,18-26); de Jesus, o amigo de Marta e Maria (Lc 10,38-42); de Jesus, que escolheu Maria de Magdala para ser a primeira testemunha da ressurreição (Jo 20,1-18).

“Repensar” e “conversão” são coisas que andam sempre juntas.

Conversão, em chave neotestamentária, é *metanoia*, ir além do estado presente de consciência, mudança de mente. E é nessa perspectiva de mudança de consciência que devemos agir, tornando-nos aptos a acolher os novos sistemas simbólicos que estão sendo gerados pelas mulheres em suas situações concretas. Para isso, é importante deixar de sacralizar as categorias pastorais historicamente produzidas pelo homem na perspectiva do “macho” e, serena e seriamente, repensar o paradigma patriarcal (EVDOKIMOV, 1986). Isso implica desenvolver um trabalho pastoral em que as experiências do ser homem e do ser mulher sejam elaboradas em conjunto, num discurso cocriado, em uma prática coparticipativa. Temos de reconhecer que “estamos hoje verdadeiramente num ponto de mutação da humanidade em que o masculino e o feminino tomam um outro sentido” (MURARO; BOFF, 2002, p. 122). Um sentido que produz vida é a única maneira de enfrentar a desrazão que produz morte.

## 2. Propostas de Francisco e Clara

Passemos àquilo que compreendemos ser uma proposta franciscariana, dotada de

vitalidade para lançar fermento à massa, a fim de que, por nossa presença e pela conversão de nós mesmos, possamos apresentar sementes de esperança evangélica ao mundo, que se deixa tragar pelo turbilhão da violência, da humilhação e do descaso. Seguem-se então o que chamaremos *princípios pedagógicos de inspiração franciscariana*.<sup>1</sup>

*1º Princípio: promover uma pastoral que acolha a mulher integralmente, como sujeito psicobiológico-sexual e histórico-social-espiritual. Pastoral e espiritualidade não deveriam ser apenas temas “espirituais”, se se entende este “espiritual” de maneira abstrata, desencarnada, como apenas um âmbito entre outros. A mulher (tal qual o “macho”) é uma unidade de dimensões que não podem ser desvinculadas umas das outras sem redundante prejuízo. Muitas vezes o agente de pastoral corre o risco de se tornar apenas “pastor de almas”, mas as mulheres não são almas. Não podemos desligar a identidade de gênero, a sexualidade, a história psíquica e familiar das mulheres que encontramos na pastoral e querer tratar apenas de sua vida espiritual.*

Francisco, na *I Admoestação*, faz a seguinte afirmação: “Eis que diariamente ele [Jesus] se humilha, como quando veio do trono real ao útero da Virgem” (*Admoestações*, ff, p. 96). Há que entender bem o sentido dessa afirmação. Numa época em que as inúmeras heresias pessimistas em relação ao corpo atacavam a noção de bondade in-

\_\_\_\_\_

<sup>1</sup> Todas as citações dos textos de Francisco e Clara encontram-se nas *Fontes franciscanas e clarianas* (Vozes, 2004). Para facilitar ao leitor não acostumado aos estudos do franciscanismo e ao modo típico de citação dos textos franciscarianos, indicaremos após a citação, entre parênteses, o nome por extenso do texto de Francisco ou Clara a que se refere, seguido de ff e o número de página, para indicar a sua localização nas *Fontes*.



trínseca da criação material – como os cáta-ros, que afirmavam que tudo o que é material é demoníaco –, não era raro encontrar uma concepção errada e pejorativa sobre a mulher, uma compreensão baseada no conceito da mulher como ente meramente biológico e destinado a ser exclusivamente instrumento de reprodução. Nessas heresias, a união carnal e sexual em si era considerada pecaminosa, e tal noção em nada contribuía para a formação de um conceito positivo sobre as mulheres. Francisco, fiel à mais radical tradição evangélica da Igreja, falando da encarnação de Jesus, usa uma linguagem extremamente realista, que, além de enaltecer a grandeza de tal acontecimento, dignifica e louva, como um poeta, a beleza da sexualidade de quem o acolhe.

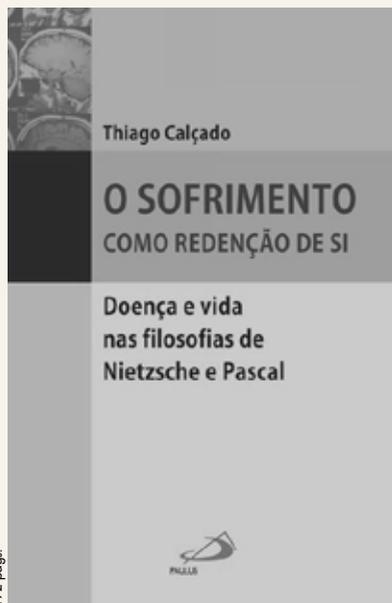
“No útero da Virgem”, ou seja, no símbolo arquetípico do seu ser integralmente mulher, em sua feminilidade. Aqui vale um princípio básico da teologia: o que não é assumido não é redimido. Jesus assume o útero, assume a feminilidade. São as mulheres inteiras e redimidas que encontramos. Temos de perder o temor histórico da sexualidade feminina, temor que é também admiração assustada diante do mistério uterino, do mistério da vida (MURARO; BOFF, 2002). Por conseguinte, não podemos dar curso a uma pastoral que mutila, que desconsidera, que despreza ou minimiza as expressões diversas da sexualidade feminina.

*2º Princípio: cultivar uma pastoral que testemunhe a necessidade de assumir a responsabilidade.* Temos de assumir que somos responsáveis pela cultura machista. A frase que as jovens manifestantes repetem em todo o Brasil, em protesto contra os casos de estupro – “a culpa não é dela” –, deve também ser assumida por nós. Culpabilizar, como acontece, uma mulher pelo estupro sofrido, porque estaria com determinada roupa ou teria tido uma conduta sexual “provocante”, é expressão acabada da violência do machismo.

## O sofrimento como redenção de si

### Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal

Thiago Calçado



192 págs.

Os percursos que os filósofos Nietzsche e Pascal trilharam em suas experiências de sofrimento se cruzam e oferecem a cada ser humano a possibilidade de adentrar seu íntimo e reconstruir a vida, pouco a pouco. Este livro aborda o sentido do sofrimento nas filosofias nietzschiana e pascaliana, em um texto nascido a partir de consultas das obras desses pensadores.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Expressão que podemos e devemos denunciar nos meios pastorais, como parte do processo metanoico.

A visão de Francisco não aceita essas espúrias culpabilizações. Pode até parecer-nos que a sua visão seja um tanto limitada. Mas, se acondicionarmos o dito no seu tempo, extrairmos o seu cerne e o aplicarmos hoje, perceberemos a grandeza do princípio: “Todos os irmãos, onde quer que estejam ou aonde quer que vão, cuidem-se do mau olhar e da frequência das mulheres” (*Regra não bulada*, ff, p. 174). Nada de pejorativo é atribuído à mulher na visão de Francisco. São os frades que devem cuidar de seus olhares, ou seja, de sua conduta em relação às mulheres, para não objetificá-las.

No que se refere à objetificação, um caso ocorrido no ano de 2016 é ilustrativo. Meninas de um colégio particular de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que haviam recebido a recomendação de não usarem *shorts* nas dependências do colégio, fizeram protestos com o seguinte slogan: “Vestida ou pelada, quero ser respeitada” (KOSACHENCO, 2016). Ainda que o dito possa parecer agressivo, mais agressiva é a cultura que lança sobre a mulher a culpa pela objetificação do seu corpo ainda em tenra idade. Como agentes de pastoral, devemos colaborar na criação de uma consciência metanoica que reconheça que “a culpa não é delas”, mas de um paradigma de sociedade que define entre a violência e os produtos erotizantes do consumo.

**3º Princípio:** *estar dispostos a acolher a discussão da questão de gênero como um todo.* Isso significa que devemos desenvolver a capacidade de acolher toda a produção de discurso feita pelas mulheres a respeito da própria condição. Significa que fomentaremos uma

cultura do respeito e do diálogo. Significa nos dispormos a dialogar honestamente com os novos discursos produzidos pelos novos sujeitos sociais.

Aqui, Clara de Assis é o grande modelo. Primeiro porque rompeu as barreiras da redução sexual infligida às mulheres: ou objeto

de prazer, ou meio de procriação, ou virgem sem plena realização pessoal. Essas foram as opções que as mulheres tiveram por muito tempo. Clara, com sua mística de entrega a Jesus esposo, rompe com as determinações meramente biológicas e sexuais às quais se viu por muito tempo atrelada a virgindade consagrada, que deixa de ser encarada como renúncia para ser realização integral. Para Clara, quanto mais entrega, mais ela se realiza como cristã e como mu-

lher (*1ª carta a Inês*, ff, p. 1.703). O biologismo da condição da mulher, paralelo ao espiritualismo abstrato, imposto pelo modelo patriarcal, foi rompido por Clara quando chegou à compreensão de sua situação e fez decidida opção que rompia com o determinismo. Só assim Clara se tornou apta para, em segundo lugar, romper com as estruturas sociais que produziam a opressão. Sem chegar à dissidência, ela negou a oferta de propriedades feita pelo papa Gregório IX e instou-o a consentir que ela pudesse permanecer no “privilegio de pobreza” que escolhera para si. Assim, transcendendo os modelos que lhe eram propostos, mostra que em toda época há tempo para a mulher lutar por sua condição.

**4º Princípio:** *reconheçamos que o principal agente de autodeterminação da mulher é a mulher mesma.* Parece redundante obviada, mas não é. Podemos correr o risco de querer ser os autores da autonomia alheia. Temos de nos preparar para acolher as ex-

**“não podemos dar curso a uma pastoral que mutila, que desconsidera, que despreza ou minimiza as expressões diversas da sexualidade feminina”**



pressões dessa autodeterminação, sem nos fecharmos ao discurso feito pelos sujeitos interessados em sua própria autonomia. Como, por exemplo, lidamos com discursos como o das já mencionadas meninas de um colégio particular de Porto Alegre, as quais lutam conscientemente contra a sua condição de jovens precocemente erotizadas que têm de se submeter a um padrão de comportamento que não “provoque” a atenção masculina? Como incorporar na prática pastoral discursos como o delas, que se dizem feministas e pregam a *sororidade*, para escapar ao que consideram fraternidade patriarcal?

Novamente uma resposta de Clara. As suas cartas a Inês de Praga, nobre que abandonou sua condição para ingressar na ordem fundada por Clara, estão cheias da expressão de uma mulher que chegou ao cume da realização pessoal. Nelas se exprime uma espiritualidade que foge às categorias antropológicas centradas na experiência do “macho”. Por exemplo, na 4ª *Carta* consegue unir, em uma única metáfora nupcial, a condição sexual, a identidade de gênero e a realização da vocação cristã.

Arrasta-me atrás de ti! Corramos no odor dos bálsamos, ó esposo celeste! Vou correr sem desfalecer, até me introduzires na tua adega, até que tua esquerda esteja sob a minha cabeça, tua direita me abrace toda feliz, e me dês o beijo mais feliz de tua boca (4ª *Carta a Inês de Praga*, ff, p. 1.711).

Se formos capazes de uma nova antropologia, centrada na experiência da mulher, poderemos acolher as novas metáforas que descrevem as novas realidades da vida das mulheres.

**5º Princípio:** *abrir-se cordialmente às necessidades das mulheres concretas.* A “mulher” ou o “feminino” são conceitos que nos podem levar, se descuidamos, à ontologização

e abstração do problema. Na pastoral não trabalhamos com “a mulher”, e sim com mulheres concretas, em suas lutas, alegrias e necessidades. São mulheres concretas e singulares que atuam na pastoral e se fazem ouvir, mulheres singulares cujo discurso e autocompreensão acolhemos como a palavra mais acertada sobre a condição de ser mulher. Esquecer isso é cair na abstração, é deixar de atentar que, como cristãos, somos chamados a ajudar os humanos nos seus problemas concretos na caminhada para o Reino definitivo.

A cordialidade e a atenção primária às necessidades básicas são características que os franciscanos herdaram de Francisco de Assis. A nobreza e a cordialidade do trovador com a perspicácia e o senso prático do comerciante geraram nele a disponibilidade atenciosa, a diligência carinhosa e o cuidado amoroso. Assim Francisco, “com essa fina percepção, sentia o laço da fraternidade, e da sororidade que nos une a todos os seres” (BOFF, 1999, p. 69). A cordialidade atenta às necessidades é chave elementar para oferecermos uma alternativa que represente uma metanoia, uma mudança para esta civilização, tal qual Francisco, que “é verdadeiramente alternativo por seu radical modo de ser-cuidado com respeito, veneração, fraternura para com todas as coisas” (BOFF, 1999, p. 169).

## Conclusão

Alguém poderá objetar que falta, de nossa parte, a apresentação de elementos práticos para levar a cabo as ideias aqui desenvolvidas. Reconhecemos a limitação, sem deixar de ressaltar que nosso intuito, ao apresentar os princípios citados, foi provocar a revisão da metanoia que cada agente de pastoral vive ao abandonar as estruturas de opressão. Mas estamos certos de que a crise atual – que já não beira a barbárie, senão a propõe diariamente – exige de cada cristão fidelidade criativa ao chamado



evangélico à conversão e que, portanto, somos responsáveis por procurar uma renovação constante dos modos de nossa ação por meio de princípios norteadores que nos possam melhor conduzir à vida evangélica.

Em Francisco e Clara temos um excelente modelo de como viver esse processo.

Duas pessoas que se complementaram, não nos papéis que a sociedade lhes poderia oferecer, mas na certeza de que o esforço irmanado pela mudança sempre chega a algum lugar. Eles são o grito da utopia evangélica entre nós, a utopia que produz, a utopia do Reino que queremos alcançar. ●

## Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CURITIBA registra, em janeiro e fevereiro, mais de mil boletins de ocorrência de mulheres agredidas. *Portal RIC Mais*, 4 abr. 2017. Disponível em: <<https://pr.ricmais.com.br/tag/violencia-contramulheres/pagina/1>>. Acesso em: 18 ago. 2017.
- DOIS a cada três brasileiros já viram uma mulher sofrer violência, mostra estudo. *Portal Brasil*, 9 maio 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/05/dois-a-cada-tres-brasileiros-ja-veiram-uma-mulher-sofrer-violencia-mostra-estudo>>. Acesso em: 17 ago. 2017.
- EVDOKIMOV, Paul. *A mulher e a salvação do mundo*. Tradução de Maria Cecília Duprat. São Paulo: Paulinas, 1986.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KOSACHENCO, Camila. Alunas protestam contra a proibição de uso de shorts em colégio de Porto Alegre. *Zero Hora*, Porto Alegre, 24 fev. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/02/alunas-protestam-contraa-proibicao-do-uso-de-shorts-em-escola-de-porto-alegre-4982684.html>>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- SAAVEDRA, Jefferson. Estupros em Joinville. *A Notícia*, Joinville, p. 3, 28 maio 2016.
- TEIXEIRA, Celso Márcio (Coord.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Apresentação de Sérgio Dal Moro. Petrópolis: Vozes, 2004.
- VÍTIMA de estupro coletivo no Rio conta que acordou dopada e nua. *Portal G1*, 26 maio 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/05/vitima-de-estupro-coletivo-no-rio-conta-que-acordou-dopada-e-nua.html>>. Acesso em: 17 jul. 2017.



### A pobreza e a graça

Experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil

Alexandre Andrade Martins

Este livro versa sobre como o *malheur* e a graça estão presentes na vida e no pensamento de Simone Weil, a partir de cartas e opúsculos que escreveu, reunidos no livro *Attente de Dieu*. O livro apresenta uma reflexão antropológica sobre a experiência da graça em meio ao sofrimento, na qual a busca pela verdade leva à experiência mística.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Também na internet:  
[vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)

\*Nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte. Dedicar-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*; *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. E-mail: [konings@faculdadejesuita.edu.br](mailto:konings@faculdadejesuita.edu.br)



Pe. Johan Konings, sj\*

Santa Maria, Mãe de Deus  
1º de janeiro

## Nascido de mulher, nascido sob a Lei

### I. Introdução geral

Celebramos a oitava de Natal, a solenidade da Santa Mãe de Deus. Até a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, era chamada festa da Circuncisão de Nosso Senhor. O evangelho relata que Jesus recebeu a circuncisão acompanhada da imposição do nome, como prescreve a tradição de Israel. Esse rito significava a integração do “nascido de mulher” na comunidade judaica, como ressalta a segunda leitura. A inserção de Jesus na humanidade e no povo passa pelo útero de Maria. Jesus nasce de mãe judia e submetido à Lei judaica.

Como, no século IV, foi escolhido o dia 25 de dezembro para celebrar o Natal, a oitava coincide com o ano-novo romano, fixado



em 1º de janeiro por Júlio César. Assim, a festa de hoje coincide com o início do ano civil, atualmente celebrado como dia da paz mundial. Neste contexto, cabe bem a primeira leitura, que evoca a bênção do ano-novo israelita (Nm 6,27), reforçada pelo salmo responsorial. Aliás, o próprio nome que Jesus recebe sugere que ele é a bênção: *yeshua*, “o Senhor salva”. Maria deu Jesus à humanidade como um presente de Deus (cf. 4º domingo do Advento), e Deus faz “brilhar sua face” sobre o povo e sobre a humanidade no nome de Jesus. (No dia 3 de janeiro há uma celebração própria do Santíssimo Nome de Jesus.)

A solenidade de hoje foi posta sob o patrocínio de Maria, “Mãe de Deus”, lembrando o título de *Theotokos*, “Genitora (Mãe) de Deus”, que lhe foi dado pelo Concílio de Éfeso em 431 d.C. Decerto Deus não tem mãe, mas escolheu Maria como mãe para o Filho que em tudo realiza a obra de Deus. Santificou em Maria a maternidade quando o Filho assumiu a humanidade. A maternidade é, como a humanidade, *capax Dei*, capaz de receber Deus. Deus é tão grande, que conhece também o mistério da maternidade, e por dentro! Para captar isso, talvez tenhamos de modificar um pouco nosso conceito de Deus.

Deus não ama em geral, abstratamente, mas por meio de pessoas e comunidades concretas. Só aquilo que é concreto pode ser realidade. Assim como Maria foi, no seio do povo de Israel, o caminho concreto para o Salvador, comunidades concretas serão portadoras de Cristo, salvação de Deus para o mundo atual. Por isso, Maria é protótipo da Igreja e das comunidades eclesiais.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Nm 6,22-27

A 1ª leitura é a bênção do sacerdote de Israel sobre o povo. Na manhã da criação, Deus abençoou os seres humanos e os ani-

mais, dando-lhes alimento e força de vida (Gn 1,28-30). A bênção de Deus é um augúrio de paz para a natureza e o ser humano. Para quem se coloca diante dessa bênção, Deus deixa brilhar “a luz de sua face”, sua graciosa presença. Só Deus pode realmente abençoar, benzer, “dizer bem”; os humanos abençoam invocando o nome de Deus. Em continuidade com esse pensamento, o salmo responsorial expressa um pedido de bênção (Sl 67[66],2-3.5-6.8).

### 2. Evangelho: Lc 2,16-21

O evangelho de hoje menciona dois temas: a adoração dos pastores junto ao presépio de Belém e a circuncisão de Jesus no oitavo dia, acompanhada da imposição de seu nome. O primeiro tema já foi focalizado no evangelho da missa da aurora no Natal, e na mesma linha podemos destacar, na festa da Mãe de Deus, que “Maria guardava todos estes fatos e meditava sobre eles no seu coração”.

Nossa atenção, porém, vai para o segundo tema, a circuncisão com a imposição do nome, que se harmoniza com o da 2ª leitura. Jesus sujeita-se à antiga Lei (cf. 2ª leitura) e recebe o nome dado pelo anjo, ou seja, por Deus mesmo (Lc 1,31-33; Mt 1,21; cf. Hb 1,4-5): “O Senhor salva”. Jesus é o Salvador enviado por Deus à humanidade.

### 3. II leitura: Gl 4,4-7

A 2ª leitura é tomada da carta de Paulo aos Gálatas, a “carta” (no sentido de documento) da liberdade cristã. Cristo veio para nos tornar livres (Gl 5,1). “Nascido de mulher, nascido sob a Lei” (Gl 4,4), viveu entre nós sob o regime passageiro que vigorava no Antigo Testamento. Vivendo conosco sob o regime da Lei, ensinou-nos a perceber e interpretar a Lei como dom do Pai, e não como escravidão, à diferença dos contemporâneos de Paulo. Estes queriam impô-la como um jugo aos cristãos da Galácia, que nem sequer eram judeus de origem. Já não somos escla-



vos, diz Paulo, mas filhos; portanto, livres. O Filho de Deus tornou-se nosso irmão, nele temos o Espírito que, em nosso coração, ora: “Abba, Pai” (4,6 – provavelmente uma alusão ao pai-nosso rezado nas comunidades, cf. Mt 6,9-13; Lc 11,2-4).

Comemorando a vinda de Cristo, pensamos especialmente na “mulher” que o integrou em nossa comunidade (Gl 4,4). “Nascido de mulher” é uma maneira bíblica para designar o ser humano (cf. Mt 11,11; Lc 7,28).

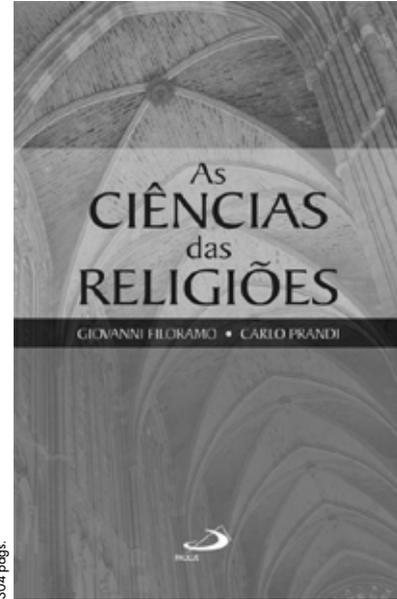
### III. Pistas para reflexão

– *O nome e a cidadania de Jesus*. Celebramos hoje a “cidadania” de Jesus: seu nome, sua identidade, seu lugar na sociedade humana. A 2ª leitura evoca duas dimensões da inserção de Jesus na sociedade humana: *nasceu de mulher*, como membro da família humana; e *nasceu sujeito à Lei*, como cidadão de uma comunidade política e religiosa. Exatamente por assumir a lei de um povo concreto, ele é verdadeiro representante da humanidade. Quem não pertence a nada não representa ninguém. Porque concretamente foi judeu é que Jesus pôde ser o Salvador da humanidade toda. Integrado na comunidade judaica pela circuncisão, no oitavo dia recebe o nome de Jesus, escolhido por Deus mesmo. Muita gente, quando escolhe o nome do filho, projeta nisso uma expectativa. Maria e José não escolheram o nome. Alinharam-se com Deus, que projeta seu próprio plano de salvação no nome de Jesus: “O Senhor salva”. O nome de Jesus assinala a participação pessoal de Deus na história da comunidade humana e política. Por isso, assim como o sacerdote Aarão abençoava os israelitas invocando o nome do Senhor Deus, podemos benzer a nós e a todos com o nome de Jesus (1ª leitura).

Deus respeita a Lei que ele mesmo comunicou ao povo. Seu Filho nasceu sob a Lei e foi circuncidado conforme a Lei. As estruturas políticas e sociais do povo, quando condzidentes com a vontade de Deus, são instru-

## As ciências das religiões

Giovanni Filoramo e Carlo Prandi



304 págs.

Nunca como hoje a religião foi objeto de tantos estudos por parte das mais variadas disciplinas. Pensa-se na multiplicação das histórias religiosas particulares, que tendem a se especializar numa atitude, muitas vezes, negativa e desgastante. Este livro ajuda a pessoa a descobrir o valor de viver o momento presente, desfrutando-o por inteiro.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



mento para Deus se tornar presente em nossa história. Deus mostrou isso em Jesus. E quando as leis e estruturas são manipuladas a ponto de se tornarem injustas, o Filho de Deus as assume para transformá-las no sentido do seu amor. Por isso, Jesus morreu por causa da Lei injustamente aplicada a ele.

– *Maria, “porta do céu”*. Em Jesus, Deus quis ter uma mãe. A inserção de Deus em nossa história passa pela ternura materna. Sem esta não se pode construir a história conforme o projeto de Deus. Assim, Deus, na “sua” história salvífica, santificou uma dimensão especificamente feminina. Nas ladainhas, chamamos Maria de “Porta do Céu”. Porta para nós subirmos e para Deus descer.

Jesus nasceu de mulher e sob a Lei, de mãe humana e dentro de uma sociedade humana. Foi acolhido na sociedade judaica pela circuncisão e pela imposição do nome, como teria acontecido a qualquer indivíduo do sexo masculino entre nós que tivesse nascido naquela sociedade. Maria é, portanto, mãe do verdadeiro homem e judeu Jesus de Nazaré, mas nós a celebramos hoje como Mãe de Deus. Esse título deve ser entendido como “Genitora (é assim que o Concílio de Éfeso a chama) do Filho de Deus”. Este Filho foi igual a nós em tudo, menos no pecado, e viveu e sofreu na carne de maneira verdadeiramente humana (cf. Hb 4,15; 5,7-8). Duas décadas depois de Éfeso, o Concílio de Calcedônia o chamou “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem”. É por ser mãe de Jesus humanamente que Maria é chamada Mãe de Deus, pois a humanidade e a divindade em Jesus não se podem separar. Dando Jesus ao mundo, Maria faz Deus nascer no meio do povo. Ela é o ponto de inserção de Deus na humanidade. Toda mulher-mãe é ponto de inserção de vida nova no meio do povo. Em Maria, essa vida nova é vida divina. Deus se insere no povo por meio da maternidade que ele mesmo criou.

Assim como Maria se tornou “Porta do Céu”, a comunidade humana é chamada a tornar-se acesso de Deus ao mundo e do

mundo a Deus. A vida do povo, sua “lei”, suas tradições, cultura e estruturas políticas e sociais devem ser um caminho de Deus e para Deus, não um obstáculo. Por isso é preciso transformar a vida humana e as estruturas da sociedade quando não servem para Deus e não condizem com a dignidade que Deus lhes conferiu pelo nascimento de Jesus de mulher e sob a Lei.

– *Jesus de Maria, bênção do povo*. Para os cristãos, o novo ano litúrgico já começou no 1º domingo do Advento, mas no dia 1º de janeiro os cristãos participam, como cidadãos, do ano-novo civil com a festa de Maria, Mãe do Deus Salvador, Jesus Cristo. Queremos felicitar de modo especial a Mãe da família dos cristãos – pois, ao visitarmos hoje a casa de nossos amigos, não cumprimentamos primeiro a dona da casa?

A Igreja marcar este dia com a festa de Maria, Mãe de Deus, é um voto de paz e bênção para o mundo! A bênção maior da parte de Deus: o seu Filho, Jesus. Os nossos votos de paz e bênção devem ser a extensão da bênção que é Jesus e que Maria fez chegar até nós. Desejamos paz e bênção aos nossos amigos em Jesus. Então, nossos votos serão profundamente cristãos, não apenas fórmula social. Desejaremos aos nossos semelhantes aquilo que veio até nós em Jesus: o amor de Deus na doação da vida para os irmãos. É isso que se deve desejar neste dia mundial da paz. *Somente onde reinam os sentimentos de Jesus pode existir a paz que vem de Deus.*

Epifania do Senhor

7 de janeiro

## Onde a estrela parou

### I. Introdução geral

*Epifania*, em grego, significa manifestação: celebramos a manifestação de Deus ao mun-



do, representado pelos reis magos que vêm adorar o menino Jesus em Belém. Ele é a luz que brilha não só para o povo oprimido de Israel (como anuncia a 1ª leitura na noite de Natal), mas para todos os povos, segundo a visão do profeta universalista que escreveu o fim do livro de Isaías. Essa visão recebe um sentido pleno quando os magos vindos do Oriente procuram, nos arredores de Jerusalém, o Messias que devia nascer da estirpe de Davi (evangelho). A 2ª leitura, mediante o texto de Ef 3,2-6, comenta esse fato como revelação do mistério de Deus a Israel e aos pagãos.

Assim, a liturgia de hoje realça o sentido universal da obra de Cristo. Mas não se trata do universalismo abstrato, global e midiático de nosso mundo contemporâneo. A inserção de Jesus na humanidade, que contemplamos no domingo passado (na festa da Mãe de Deus), acontece num ponto bem concreto e modesto: um povoado que nem está no mapa dos magos! O ponto por onde passa a salvação não precisa ser grandioso. O humilde povoado visitado pelos magos representa a comunidade-testemunha, o contrário do reino do poderoso Herodes. Belém é centro do mundo, porém não para si mesma, e sim para quem procura a manifestação de Deus. Não sobre Roma nem sobre a Jerusalém de Herodes, mas sobre a Belém do presépio é que a estrela parou. Essa estrela não se importa com o poder humano. Deus manifesta-se no meio dos pobres, no Jesus pobre.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. 1ª leitura: Is 60,1-6

Como foi recordado na 1ª leitura da noite de Natal, o profeta Isaías (9,1) anunciou *nova luz* para a Galileia, região despojada pelas deportações praticadas pelos assírios em 732 a.C. Duzentos anos depois, o “Terceiro Isaías” retoma a imagem da luz. Aplica-a a Sião (Jerusalém) e ao povo de

## A Verdade é sinfônica Aspectos do pluralismo cristão

Hans Urs von Balthasar



160 págs.

A qualidade de execução de uma orquestra depende de cada músico executar bem sua parte individual e, ao mesmo tempo, inseri-la na unidade orgânica da composição. Através da metáfora sinfônica, o autor nos ajuda a perceber que a riqueza de variedade e pluralidade de carismas e ministérios eclesiais não é incompatível com sua unidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Judá, que acaba de voltar do exílio babilônico e está iniciando a reconstrução da cidade e do Templo (Is 60,1). Jerusalém, restaurada depois do exílio babilônico, é vista como o centro para o qual convergem as caravanas do mundo inteiro. O profeta anuncia a adoração universal em Jerusalém. Enquanto as nações estão cobertas de nuvens escuras, a luz do Senhor brilha sobre Jerusalém. Esqueçam-se a fadiga e o desânimo, pois Deus está perto. As nações devolvem a Jerusalém seus filhos e filhas que ainda vivem no estrangeiro, e estes oferecem suas riquezas ao Deus que realmente salva seu povo.

Quinhentos anos depois, os magos (sábios, astrólogos) vindos do Oriente darão um sentido pleno e definitivo ao texto de Isaías: a eles o Cristo aparece como “luz” cheia do mistério de Deus.

## 2. Evangelho: Mt 2,1-12

O evangelho narra a chegada dos magos do Oriente que querem adorar o Messias recém-nascido, cujo astro eles viram brilhar sobre Jerusalém (cf. 1ª leitura). A chegada dos magos e sua volta constituem a moldura (inclusão) dessa narrativa, cujo centro é a estupefação de Herodes e de toda a cidade por causa da notícia que os magos trazem. O ponto alto é a busca, pelos escribas, de um texto que aponte para esse fato. O texto em questão é Miqueias 5,1: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo”. Informado pelos escribas, Herodes encaminha os magos a adorar o recém-nascido em Belém e informá-lo para que ele também vá (Belém fica a oito quilômetros de Jerusalém). O narrador, entretanto, deixa prever a má-fé de Herodes, que planeja matar os meninos recém-nascidos da região, tema que será desenvolvido no próximo episódio de Mateus, igualmente construído em torno de uma citação do Antigo Testamento.

No novo povo de Deus, não importa ser judeu ou gentio, importa a fé. O Evangelho de Mateus termina na missão de evangelizar “todas as nações” (28,18-20), e desde o início os “magos” prefiguram essa missão universal. Os doutores de Jerusalém, ao contrário, sabiam, pelas Escrituras, onde devia nascer o Messias – em Belém, a poucos quilômetros de Jerusalém –, mas não tinham a estrela da fé para os conduzir.

## 3. II leitura: Ef 3,2-3a.5-6

As promessas do Antigo Testamento dirigem-se ao povo de Israel. Deus, porém, vê as promessas feitas a Israel num horizonte bem mais amplo. Seu plano é universal e inclui todos os povos, judeus e gentios. Os antigos profetas já tinham certa visão disso, mas os judeus do ambiente de Paulo apóstolo não pareciam percebê-lo. Paulo mesmo havia aprendido com surpresa a revelação do grande mistério: também os gentios são chamados à paz messiânica. Essa revelação, ele a assume como sua missão pessoal, a fim de levar a boa-nova aos gentios.

## III. Pistas para reflexão

A visão do Terceiro Isaías sobre a restauração do povo na luz de Deus que brilha sobre a Cidade Santa realiza-se no povo fundado por Jesus Cristo. Este é o “mistério”, o projeto escondido de Deus, o evangelho que Paulo levou a judeus e gentios.

Mateus, no evangelho, traduz a fé segundo a qual Jesus é o Messias universal numa narração que descreve a realização da profecia: astrólogos do Oriente veem brilhar sobre Belém, a cidade de Davi, a estrela do recém-nascido Messias, “rei dos judeus”. Querem adorá-lo e oferecer-lhe seus ricos presentes. Herodes, entretanto, com os doutores e os sacerdotes, não enxerga a estrela que brilha tão perto; é obcecado por seu próprio brilho e sede de poder. Os reis das nações pagãs chegam de longe para adorar o Menino, mas os



chefes de Jerusalém tramam sua morte. As pessoas de boa vontade, aqueles que realmente buscam o Salvador, encontram-no em Jesus, mas os que só gostam de seu próprio poder têm medo de encontrá-lo.

Significativamente, o medo de Herodes, o Grande, levá-lo-á a matar todos os meninos de Belém. A estrela conduziu os magos a uma criança pobre, que não tinha nada de sensacional. Mas o rei Herodes, cioso de seu poder, pensa que Jesus será poderoso e, portanto, perigoso. Para eliminar esse “perigo”, o rei, que tinha matado seus próprios filhos e sua mulher Mariame, manda agora matar todos os meninos de Belém.

Por que se matam ou se deixam morrer crianças também hoje? Porque os poderosos absolutizam seu poder e não querem dar chances aos pequenos, nem sequer a de viver. Preferem sangrar o povo pela indústria do armamento, dos supérfluos, da fome...

Pobre e indefeso, *Jesus é o “não poder”*. Ele não se defende, não tem medo. Em redor dele se unem os que vêm de longe, simbolizados pelos magos. E estes, avisados em sonho, “voltam por outro caminho”. O caminho, na Bíblia, é o símbolo da opção de vida da pessoa (Sl 1). Os reis magos *optaram* por obedecer à advertência de Deus; optaram pelo Menino Salvador, contra Herodes e contra todos os que rejeitam o “menino”, matando vida inocente.

O nome oficial da festa dos Reis Magos, “Epifania”, significa manifestação ou revelação. Contemplamos o paradoxo da grandeza divina e da fragilidade da criança no menino Jesus. Pensamos nos milhões de crianças abandonadas nas ruas de nossas cidades, destinadas à droga, à prostituição. Outros milhões mortas pela fome, doença, guerra, aborto. Órgãos extraídos, fetos usados para produzir células que devem rejuvenescer velhos ricos... Qual é o valor de uma criança?

Deus se manifesta ao mundo numa criança, e nós somos capazes de matá-la, em vez de reconhecer nela a luz de Deus. Por que

## O Vaticano II e a política

Carlos Signorelli



120 págs.

Será apenas com o Concílio Vaticano II que a Igreja vai ver o mundo moderno e a sociedade atual com olhares mais positivos. E vários documentos desse evento, principalmente a *Gaudium et Spes*, vão dar uma palavra de incentivo àqueles e àquelas que se internam no mundo da política, pois começam a encarar o processo político da modernidade com olhares benéficos: “ir para a política” não é mais um desejo de alguns; ao contrário, é um chamado do Espírito.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



Deus se manifestou numa criança? Por esquisite, para nos enganar? Nada disso. Salvação significa ser libertados dos poderes tirânicos que nos escravizam para realizar a liberdade que nos permite amar. Pois para amar é preciso ser livre, agir de graça, não por obrigação nem por cálculo. Por isso, a salvação que vem de Deus não se apresenta como poder opressor, a exemplo do de Herodes. Apresenta-se como antipoder, como uma criança sem valor.

O pequenino de Belém é venerado como rei, mas, no fim do evangelho, esse “Rei” (Mt 25,34) julgará o universo, identificando-se com os mais pequeninos: “O que fizestes a um desses mais pequenos, que são meus irmãos, a mim o fizestes” (25,40). Quanta lógica em tudo isso!

Deus não precisa nos esmagar com seu poder para se manifestar. Para ser universal, prefere o pequeno, pois só quem vai até os pequenos e os últimos é realmente universal. Falta-nos a capacidade de reconhecer no frágil, naquele que o mundo procura excluir, o absoluto de nossa vida – Deus. Eis a lição que os reis magos nos ensinam.

O menino nascido em Belém atraiu os que viviam longe de Israel geograficamente. Mas a atração exercida por Jesus envolve também os social e religiosamente afastados, os pobres, os leprosos, os pecadores e pecadoras. Todos aqueles que, de alguma maneira, estão longe da religião estabelecida e acomodada recebem, em Jesus, um convite de Deus para se aproximar dele.

Quem seriam esses “longínquos” hoje? O povinho que fica no fundo da igreja ou que não vai à igreja porque não tem roupa decente. Graças a Deus estão surgindo, nos barracos das favelas, capelas bem semelhantes ao lugar onde Jesus nasceu e onde a roupa não causa problema. Há também os que se afastaram porque seu casamento despencou (muitas vezes se pode até questionar se ele foi realmente válido). Jesus se aproximou da sa-

maritana, da pecadora, da adúltera... Será que para essas pessoas não brilha alguma estrela em Belém?

Será que, numa Igreja renovada, o menino Jesus poderá de novo brilhar para todos os que vêm de longe, os afastados, como sinal de salvação e libertação?

O roteiro para a celebração do Batismo do Senhor (no dia 8 de janeiro) encontra-se no site da *Vida Pastoral*: [vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)

2º Domingo do Tempo Comum  
14 de janeiro

## Vocação: busca e convite

### I. Introdução geral

No Brasil, a festa do Batismo do Senhor, com a qual se dá o encerramento do tempo do Natal, substitui o primeiro domingo do tempo comum, de modo que este começa com o segundo domingo. A espinha dorsal da liturgia da Palavra nos domingos do tempo comum é a leitura contínua do evangelho do ano (no caso, Marcos), e os textos evangélicos são ilustrados, na 1ª leitura, por episódios do Antigo Testamento. A 2ª leitura não se integra nesse sistema e recebe sua temática, de modo independente, da leitura semi-contínua das cartas do Novo Testamento (hoje, a questão da fornicção em Corinto).

A leitura evangélica está em continuidade com a do Batismo do Senhor. Narra a vocação dos primeiros discípulos de Jesus. Ora, como o evangelho do ano, Marcos, é mais breve que os outros, a liturgia de hoje abre espaço para o Evangelho de João (normalmente lido só na Quaresma e no tempo paschal). De acordo com o Quarto Evangelho, João Batista encaminha dois de seus discípulos para Jesus, apontando-o como o Cordeiro



de Deus. E quando vão em busca de Jesus, este lhes responde com o misterioso: “Vinde e vede”. A liturgia combina com esse texto a vocação de Samuel, na 1ª leitura. As duas vocações, porém, são diferentes. No caso de Samuel, trata-se da vocação específica do profeta; no episódio dos discípulos de Jesus, trata-se da vocação de discípulos para integrar a comunidade dos seguidores. São chamados, antes de tudo, a “vir” até Jesus para “ver” e a “permanecer/morar” com ele. Daí se inicia um processo de “vocação em cadeia”. Os que foram encaminhados pelo Batista até Jesus chamam outros (“André... foi encontrar seu irmão...”). Nessa dinâmica global da vocação cristã se situam as vocações específicas, como a de Simão, que, ao aderir a Cristo, é transformado em pedra de arrimo da comunidade cristã.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: 1Sm 3,3b-10.19

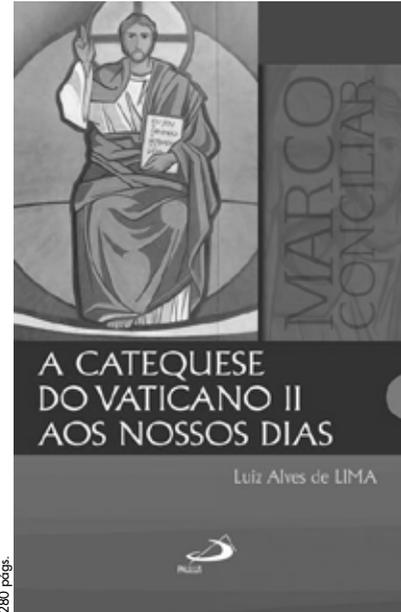
Desde seu nascimento, o profeta Samuel fora dedicado ao serviço de Deus no santuário de Silo, em agradecimento pelo favor que Deus demonstrara a Ana, sua mãe estéril (cf. 1Sm 1,21-28). Mas o serviço no santuário não esgotou sua missão. Antes que Samuel fosse capaz de o entender, Deus o chamou para a missão de profeta. A vocação de Deus, porém, não é coisa evidente. Descobre-se pouco a pouco. Três vezes Samuel ouve a voz, pensando ser a voz do sacerdote Eli. Este faz Samuel entender que é a voz do Senhor; então, quando ouve novamente o chamado, o jovem responde: “Fala, teu servo escuta”. Escutar é a primeira tarefa do porta-voz de Deus.

### 2. Evangelho: Jo 1,35-42

Como dissemos, o evangelho é tomado de João, no episódio do testemunho do Batista: a vocação dos primeiros discípulos. João Batista encaminha seus discípulos a se tornarem discípulos de Jesus (o tema volta

## A catequese do Vaticano II aos nossos dias

Luiz Alves de Lima



280 págs.

O movimento catequético contemporâneo, culminando no Vaticano II, renovou a catequese com uma substancial mudança de paradigmas. É o que mostra este livro. Após breve retrospectiva histórica da catequese na Igreja, o autor analisa a catequese nos diversos documentos conciliares e no seu impacto posterior até nossos dias.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



em Jo 3,22-30). À busca desses discípulos corresponde um convite de Jesus para que venham ver e permaneçam com ele (Jo 1,35-39). E a partir daí segue uma reação em cadeia (1,41.45).

Temos aqui a apresentação tipicamente joanina da busca do Salvador. Nos outros evangelhos, Jesus se apresenta anunciando a irrupção do reino de Deus. Em João, ele é a resposta de Deus à busca do ser humano, assim como o Antigo Testamento diz que a Sabedoria se deixa encontrar pelos que a buscam (cf. Sb 6,14). Devemos buscar o encontro com Deus no momento oportuno, enquanto se deixa encontrar (Is 55,6). “Vinde ver...” é a resposta misteriosa de Jesus à busca dos discípulos que o Batista encaminhou para ele, apontando-o como o “Cordeiro de Deus”. Descobrimos, portanto, atrás da cena narrada no evangelho (Jo 1,35-39), toda uma meditação sobre o encontro com Deus em Jesus Cristo, revelação de Deus que supera a Sabedoria do Antigo Testamento.

Pelo testemunho do Batista, os que buscavam o Deus da salvação o vislumbraram no Cordeiro de Deus, o Homem das Dores. Querem saber onde é sua morada (o leitor já sabe que sua morada é no Pai; cf. Jo 14,1-6). Jesus convida a “vir e ver”. “Vir” significa o passo da fé (cf. 6,35.37.44.45.65; também 3,20-21 etc.). “Ver” é termo polivalente, que, no seu sentido mais tipicamente joanino, significa a visão da fé (cf. sobretudo Jo 9). Finalmente, os discípulos “permanecem/demoram-se” com ele (“permanecer” ou “morar” expressa, muitas vezes, a união vital permanente com Jesus; cf. Jo 15,1ss). Os que foram à procura do mistério do Salvador e Revelador acabaram sendo convidados e iniciados por ele.

Um encontro como este transborda. Leva a contagiar os outros que estão na mesma busca. André, um dos dois que encontraram o procurado, vai chamar seu irmão Simão para partilhar sua descoberta (v. 41: “Encontramos!”). Simão se deixa conduzir até o Se-

nhor, que logo transforma seu nome em Cefas (rocha, “Pedro”), dando-lhe nova identidade. Na continuação do episódio (1,45), encontramos nova “reação em cadeia”. Como o Batista apresentou seus discípulos a Jesus, em seguida os discípulos procuraram outros candidatos. Estes traços da narrativa podem aludir à Igreja das origens, consciente de que o “movimento de Jesus” teve suas origens no “movimento do Batista” e de que, nas gerações futuras, os fiéis já não seriam chamados por Jesus mesmo, mas por seus irmãos na fé.

### 3. II leitura: 1Cor 6,13c-15a.17-20

Como foi dito na introdução, a temática da 2ª leitura não é estabelecida em função das duas outras leituras. Paulo trata da mentalidade da comunidade de Corinto, influenciada por certo libertinismo. Liberdade, sim, libertinagem, não, é o teor de sua reação. “Tudo é permitido”, dizem certos cristãos de Corinto, e Paulo responde: “Mas nem tudo faz bem” (6,12). Quem se torna escravo de uma criatura comete idolatria: assim se dá com quem se vicia nos prazeres do corpo. O ser humano não é feito para o corpo, mas o corpo para o ser humano, e este para Deus: seu corpo é habitação, templo de Deus, e serve para glorificá-lo.

A oposição de Paulo à libertinagem sexual não se deve ao desprezo do corpo, mas à estima que ele lhe dedica. O corpo não fica alheio ao enlevo do espírito, antes o sustenta e dele participa; por isso, qualquer ligação vulgar avilta a pessoa toda. O ser humano todo, também o corpo, é habitáculo do Espírito Santo. A pessoa deve ser governada para este fim do ser humano integral, membro de Cristo, e não ser subordinada às finalidades particulares do corpo. Absolutizar os prazeres corporais é idolatria, e esta é uma mensagem que precisa ser destacada no contexto de nossa “civilização”.

### III. Pistas para reflexão

Segundo o Evangelho de João, foi dentre os discípulos do Batista que surgiram os pri-



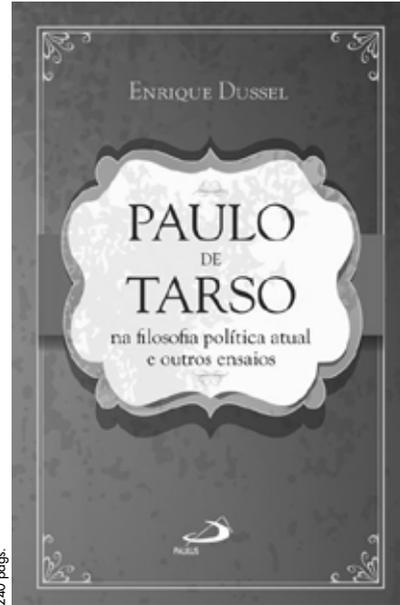
meiros seguidores de Jesus. O próprio Batista incentivou dois de seus discípulos a seguir Jesus, “o Cordeiro que tira o pecado do mundo”. Enquanto se põem a segui-lo, procurando seu paradeiro, Jesus mesmo lhes dirige a palavra: “Que procurais?” – “Mestre, onde moras?”, respondem. E Jesus convida: “Vinde e vede”. Descobrir o Mestre e poder ficar com ele os empolga tanto, que um dos dois, André, logo vai chamar seu irmão Pedro para entrar nessa companhia também. E no dia seguinte Filipe (o outro dos dois?) chama Natanael a integrar o grupo. A 1ª leitura aproxima desse relato o que ocorreu, mil anos antes, ao jovem Samuel, “coroinha” do sacerdote Eli no templo de Silo. Deus o estava chamando, mas ele pensava que fosse o sacerdote. Só na terceira vez o sacerdote lhe ensinou que quem chamava era Deus mesmo. Então respondeu: “Fala, Senhor, teu servo escuta”.

“Vocação” é um diálogo entre Deus e a gente – geralmente por meio de algum intermediário humano. A pessoa não decide por si mesma como vai servir a Deus. Tem de ouvir, escutar, meditar. Que vocação? Para que serviço Deus nos chama? Logo se pensa em vocação específica para padre ou para a vida religiosa. Mas, antes disso, existe a vocação cristã geral, a vocação para os diversos caminhos da vida, conduzida pelo Espírito de Deus e da qual Cristo é o portador e dispensador. Essa vocação cristã realiza-se no casamento, na vida profissional, na política, na cultura etc. Seja qual for o caminho, importa ver se nele seguimos o chamado de Deus e não algum projeto concebido em função de nossos próprios interesses.

O convite de Deus pode ser muito discreto. Talvez esteja escondido em algum fato da vida, na palavra de um amigo... ou de um inimigo! Ou simplesmente nos talentos que Deus nos deu. De nossa parte, haja disposição positiva. Importa estar atentos. Os discípulos estavam à procura. Quem não procura pode não perceber o discreto cha-

## Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios

Enrique Dussel



240 págs.

Este conjunto de trabalhos recentes mostra alguns aspectos dos temas que estão sendo tratados na filosofia atual. Certos temas tabus na tradição secularista do Iluminismo vêm perdendo sua essência, e inicia-se uma nova maneira de encarar a realidade cultural, com novo olhar. Essa temática, unida a uma busca da origem da cultura ocidental, que não pode se referir nem única nem principalmente à filosofia helênica ou romana, apresenta a possibilidade de abordar novos problemas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



mamento de Deus. A disponibilidade para a vocação mostra-se na atenção e na concentração. Numa vida dispersiva, a vocação não se percebe. E importa também expressar nossa disponibilidade na oração: “Senhor, onde moras? Fala, Senhor, teu servo escuta”. Sem a oração, a vocação não tem vez.

Finalmente, para que a vocação seja “cristã”, é preciso que Cristo esteja no meio. Há os que confundem vocação com dar satisfação aos pais ou alcançar um posto na poderosa e supostamente segura instituição que é a Igreja. Isso não é vocação de Cristo. Para saber se é realmente Cristo que está chamando, precisamos de muito discernimento, essencial para distinguir sua voz nas pessoas e nos fatos por meio dos quais ele fala.

3º Domingo do Tempo Comum  
21 de janeiro

## O reino de Deus está aí: convertei-vos

### I. Introdução geral

Encerrado o tempo do Natal, os evangelhos da liturgia dominical apresentam em *lectio continua* o início da pregação de Jesus segundo o evangelista do ano – no caso, Marcos. Assim, ouvimos hoje a proclamação da chegada do reino de Deus e da conversão que deve acompanhar essa boa notícia. Isso não deixa de suscitar algumas perguntas. Por que “conversão” ao receber uma boa notícia?

De fato, na 1ª leitura e no evangelho de hoje, a pregação da conversão ressoa em duas articulações bem diferentes, revelando a distinção entre o antigo e o novo. Na 1ª leitura, de Jonas, trata-se de pregação ameaçadora, dirigida à “grande cidade” de Nínive, capital

da Assíria. Diante do medo que a pregação inspira, a população abandona o pecado e faz penitência, proclamando o jejum e vestindo-se de saco; e Deus, demonstrando sua misericórdia universal, poupa a cidade.

O Evangelho de Marcos, por outro lado, resume a pregação inicial de Jesus não na capital do mundo, nem mesmo no centro do judaísmo, mas na periferia da Palestina. Não anuncia uma catástrofe, mas a plenitude do tempo. “O tempo está cumprido”. Chega de castigo: o “reino de Deus” está aí. É uma mensagem de salvação, dirigida aos pobres da Galileia. O “Filho”, que no batismo recebeu toda a afeição do Pai e foi ungido com o Espírito profético e messiânico, leva a boa-nova aos pobres, participando de sua situação de opressão e demonstrando a compreensão verdadeira do amor universal de Deus, que começa pelos últimos.

Enquanto a mensagem de Jonas logrou êxito por causa do medo, a mensagem de Cristo solicita conversão pela fé na boa-nova. Enquanto na história de Jonas a aceitação da mensagem faz Deus desistir de seus planos e a história continua como antes, no Novo Testamento vemos que a proclamação da boa-nova exige fé e participação ativa no Reino cuja presença é anunciada.

Como no domingo passado, a 2ª leitura tem um tema independente, tomado das “questões particulares” da primeira carta aos Coríntios (cf. domingo passado), a visão de Paulo a respeito dos diversos estados de vida.

### II. Comentários aos textos bíblicos

#### 1. 1ª leitura: Jn 3,1-5.10

A 1ª leitura de hoje narra, em estilo profético-sapiencial, a conversão de Nínive segundo o livro de Jonas. Deus quer a conversão de todos, não só do povo de Israel. Por isso, Jonas deve pregar a conversão em Nínive, capital do império dos gentios (a Assí-



ria). E acontece o que um judeu piedoso não podia imaginar: a cidade se converte em consequência da pregação do profeta fujão. Deus chama à conversão, e quem aceita o chamado é salvo.

O salmo responsorial (Sl 25[24],4ab-5ab.6-7bc.8-9) sublinha a importância da conversão: Deus guia ao bom caminho os pecadores.

## 2. Evangelho: Mc 1,14-20

Devidamente introduzido pela aclamação, o evangelho narra o início da pregação de Jesus como anúncio da chegada do reino de Deus e exortação à correspondente conversão. O Evangelho de Marcos é o evangelho da “irrupção do reino de Deus”. Como Jonas, na 1ª leitura, Jesus aparece como profeta apocalíptico, mas, em vez de uma catástrofe, anuncia a boa-nova da chegada do Reino e pede conversão e fé. E isso com a “autoridade” do Reino que se revela na expulsão de demônios e outros sinais (Mc 1,22.27). Ele é o “Filho de Deus” (1,1; 9,7; 15,39; cf. 1,11).

Mas por que essa mensagem exige conversão? A mensagem de Jonas logrou êxito e produziu penitência à base do medo; a mensagem de Cristo solicita conversão à base da fé na boa-nova. Observe-se que conversão não é a mesma coisa que penitência. Certas Bíblias traduzem, erroneamente, Mc 1,15 como “fazei penitência” em vez de “convertei-vos”. Penitência tem que ver com pena, castigo. Conversão é dar nova virada à vida. O grego *metanoia* sugere uma mudança de mentalidade. Por trás disso está o hebraico *shuv*, “voltar” (a Deus), não por causa do medo, mas por causa da confiança no dom de Deus, o “reino de Deus”, que é o acontecer da vontade amorosa do Pai, como reza o pai-nosso: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade”. Onde reinam o amor e a justiça, conforme a vontade de Deus, acontece o reino de Deus. Na medida em que Jesus se identifica com essa

## Como estrelas no céu Desafios da Pastoral da Educação

Marcos Sandrini



Quantitativamente, crescemos muito em termos de escolarização. No entanto, em termos de qualidade de ensino, ainda estamos longe de ser uma pátria educadora. Este livro quer ser uma convocação a todos os católicos, presentes nos diversos tipos de escolas, para que se unam pela educação. Temos três realidades contraditórias: fé cristã, justiça social e desigualdade. Nossa educação precisa não apenas lutar pela igualdade, mas também garantir a diversidade.

Ilustrações: meiomensagens

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



vontade e a cumpre até o fim, até a morte, ele realiza e traz presente esse reino em sua própria pessoa. Ele é o reino de Deus que se torna presente. Todo o Evangelho de Marcos desenvolve essa verdade.

No início, o significado de Jesus e de sua pregação está envolto no mistério, mas, aos poucos, há de revelar-se a quem acreditar na boa-nova, sobretudo quando esta se tornar cruz e ressurreição.

Por isso, enquanto, na história de Jonas, a aceitação da mensagem faz Deus desistir do castigo anunciado, em Mc 1 a proclamação da boa-nova exige fé e participação ativa no Reino que a partir de agora abre espaço. A aceitação da pregação de Jesus faz o ser humano participar do Reino que ele traz presente. Essa adesão ativa é exemplificada no chamamento dos primeiros seguidores. Imediatamente depois de ter evocado a primeira pregação de Jesus, Marcos narra a vocação dos primeiros discípulos, vocação que os transforma, pois faz dos pescadores de peixe “pescadores de homens”. Eles são uma espécie de parábola viva: sua profissão é símbolo da realidade do Reino à qual eles estão sendo convidados. E eles abandonam o que eram e o que tinham – até mesmo o pai no barco...

### 3. II leitura: 1Cor 7,29-31

Em 1Cor 7, Paulo responde a perguntas com relação ao casamento. As respostas, cheias de bom senso e sem desprezo algum da sexualidade (cf. comentário do domingo passado), revelam um tom de “reserva escatológica”, ou seja: tudo isso não é o mais importante para quem vive na expectativa da parúsia. Porque “o tempo é breve” (7,29), matrimônio ou celibato, dor ou alegria, posse ou pobreza são, em certo sentido, indiferentes. Paulo se estende a respeito do matrimônio (recordando as palavras do Senhor) e a respeito do celibato (expressando seus próprios conselhos). O estado de

vida é realidade provisória, que perde sua importância diante do definitivo que se aproxima depressa (Paulo, como os primeiros cristãos em geral, acreditava que Cristo voltaria em breve). Na continuação do texto, Paulo mostra o valor de seu celibato como plena disponibilidade para as coisas de Cristo – uma espécie de antecipação da parúsia (7,32).

Casamento, prazer, posse, como também o contrário de tudo isso, são o revestimento provisório da vida, o “esquema” (como diz o texto grego) que desaparecerá. Já temos em nós o germe de uma realidade nova, e esta é que importa. Assim, Paulo evoca a dialética entre o provisório e o definitivo, o necessário e o significativo, o urgente e o importante. Mas essa dialética deve ser formulada novamente em cada geração e cada pessoa. Nossa maneira de articulá-la não precisa ser, necessariamente, a mesma de Paulo, que pensa na vinda próxima do Cristo glorioso. Podemos repartir com ele um sadio “relativismo escatológico” (“Quid hoc ad aeternitatem?”), porém a maneira de relativizar o provisório pode ser diferente da sua. Relativizar significa “tornar relativo”, “pôr em relação”. O cuidado de viver bem o casamento ou qualquer outra realidade humana – o trabalho, o bem-estar etc. – deve ser posto em relação com o reino de Deus e sua justiça.

### III. Pistas para reflexão

O evangelho contém os temas do anúncio do Reino, da conversão e do seguimento. Como o tema da conversão será aprofundado na Quaresma, podemos orientar a reflexão para o tema do seguimento dos discípulos, pensando também no lema da Conferência de Aparecida: “discípulos-missionários”.

Muitos entre os jovens que demonstram sensibilidade aos problemas dos seus semelhantes encontram-se diante de um dilema:



continuar dentro do projeto de sua família ou dispor-se a um serviço mais amplo, lá onde a solidariedade o exige. Foi um dilema semelhante que Jesus fez surgir para seus primeiros discípulos (evangelho). Ele andava anunciando o reinado do Pai celeste, enquanto eles estavam trabalhando na empresa de pesca do pai terrestre. Jesus os convidou a deixar o barco e o pai e a tornarem-se pescadores de gente. O reino de Deus precisa de colaboradores que abandonem tudo, para que cativem a massa humana que necessita do carinho de Deus.

Esse carinho de Deus é aceito na conversão e na fé: conversão para sair de uma atitude não sincronizada com seu amor, e fé como confiança no cumprimento de sua promessa. Deus quer proporcionar ao mundo seu carinho, sua graça. Não quer a morte do pecador, e sim que ele se converta e viva. Jesus convida à conversão porque o reino de Deus chegou (Mc 1,14-15). Para ajudar, chama pescadores de gente. Tiramos daí três considerações:

– Deus espera a conversão de todos, para que possam participar de seu reino de amor, justiça e paz.

– Para proclamar a chegada do seu reinado e suscitar a conversão, o coração novo, capaz de acolhê-lo, Deus precisa de colaboradores que façam de sua missão a sua vida, até mesmo à custa de outras ocupações (honestas em si).

– Mas, além dos que largam seus afazeres no mundo, os outros – todos – são chamados a participar ativamente na construção desse reino, exercendo o amor e a justiça em toda e qualquer atividade humana.

É este o programa da Igreja, chamada a continuar a missão de Jesus: o anúncio da vontade de Deus e de sua oferta de graça ao mundo; a vocação, formação e envio de pessoas que se dediquem ao anúncio; e a orientação de todos para a participação no reino de Deus, vivendo na justiça e no amor.

## O gênero Uma norma política e cultural mundial

Marguerite A. Peeters



144 págs.

Atualmente o gênero consolida suas fundações e ganha um terreno considerável. Onde quer que uma pessoa viva, ela dificilmente escapará, hoje, da influência da norma política e cultural mundial de “igualdade dos sexos” e das evoluções sociológicas ligadas à perspectiva de gênero. Este livro apresenta uma análise paciente, precisa e rigorosa da ideologia de gênero, a partir de sua origem, desenvolvimento no Ocidente e ambições normativas mundiais.

Inscgens meiomente illustraticos.

Vendas: (11) 3789-4000  
0800-164011  
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



4º Domingo do Tempo Comum  
28 de janeiro

# O “poder- autoridade” de Jesus

## I. Introdução geral

Uma das características do antigo judaísmo é seu caráter profético, a presença de personagens carismáticos, considerados porta-vozes de Deus. A figura do profeta ganhou sua imagem “clássica” no livro do Deuteronômio, iniciado no tempo da reforma religiosa de Josias (±620 a.C.) e apresentado como recapitulação da Lei de Moisés. O profeta deve ser alguém como Moisés, alguém que fale de modo confiável em nome de Deus (1ª leitura). Com o tempo, a figura do “profeta como Moisés” tornou-se imagem do Messias que havia de vir.

O evangelho de hoje (Mc 1,21-28) apresenta Jesus segundo esse modelo, como alguém que ensina “com autoridade”, não como os escribas! Essa autoridade evoca o poder profético de ensinar em nome de Deus e fazer sinais que confirmem a palavra. Entretanto, paira um mistério sobre a figura de Jesus no Evangelho de Marcos. Jesus proíbe aos discípulos e aos beneficiados de suas curas publicar o exercício de sua “autoridade”, que eles presenciaram. O mistério da identidade de Jesus só será desvendado na hora da morte, quando o centurião romano proclamar: “Este homem era verdadeiramente Filho de Deus” (15,39). Só na morte fica claro, sem ambiguidade, o modo e o sentido da obra messiânica de Cristo segundo “os pensamentos de Deus” (cf. Mc 8,31-33).

A 2ª leitura é tomada, mais uma vez, das “questões práticas” de 1 Coríntios. Na linha da “reserva escatológica” (cf. domingo passado),

Paulo explica as vantagens do celibato, ao menos quando assumido com vistas à escatologia.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. 1ª leitura: Dt 18,15-20

Pela instituição do profetismo, o povo de Israel se distingue das nações pagãs, que praticam todo tipo de adivinhação e superstição (Dt 18,14). Deus suscitará em Israel profetas conforme o modelo de Moisés, seu porta-voz no Sinai. O profeta deve anunciar a cada geração a palavra de Deus, não mensagens sensacionalistas, adivinhação ou seja lá o que for. Tais serão os “profetas como eu” que Moisés anuncia em Dt 18,15 (cf. 18,18). O profeta deve ser alguém como Moisés, alguém que escute a palavra de Deus e a quem Deus coloque suas palavras na boca para transmiti-las; alguém que não fale, em nome de Deus, o que este não lhe tiver inspirado, nem fale em nome de outros deuses; alguém cujas palavras sejam confirmadas pelos fatos (18,15-22). Mas, pouco depois do exílio babilônico, essa instituição entra em declínio e a expressão “um profeta como eu” (Dt 18,15) acaba sendo interpretada num sentido individual, significando o Messias. Jo 6,14 (cf. 1,21.45; At 3,22-23) mostra que Jesus foi identificado com esse Messias-profeta.

### 2. Evangelho: Mc 1,21-28

A palavra de Jesus é um acontecer e um agir. Marcos não narra o conteúdo daquilo que Jesus pregou na sinagoga de Cafarnaum, mas o efeito: Jesus age com *autoridade* (1,22.27) na expulsão dos espíritos imundos, que reconhecem nele o representante de Deus. Jesus ensina com autoridade, não como os escribas! Essa “autoridade” evoca o poder profético de ensinar em nome de Deus e fazer sinais que confirmem a palavra.

Ora, o termo grego que Marcos usa (*exousía*) não é costumeiro, no judaísmo helenístico, para falar do poder profético, e sim do po-



der escatológico do “filho de homem” descrito no livro de Daniel! Ao ler Mc 1,21-28, tem-se a impressão de que o povo viu em Jesus um profeta, o que é confirmado pelas opiniões populares citadas em Mc 6,15 e 8,28. Mas a presença da “autoridade” nele esconde algo que o povo não consegue entender: “Que é isso?” (1,27). Ao percorrermos o Evangelho de Marcos, descobrimos que a identidade que Jesus atribui a si mesmo é a do Filho do homem, o enviado escatológico de Deus, prefigurado em Dn 7,13-14. A este pertence a *exousía*, a “autoridade” (Dn 7,14). Quem percebe, mesmo, a identidade de Jesus é o demônio por ele expulso (Mc 1,24): o demônio reconhece aquele que põe em perigo o seu domínio!

No Evangelho de Marcos paira um mistério sobre a figura de Jesus: o “segredo messiânico”. Aos demônios (1,25.34; 3,12), aos miraculados (1,44; 5,43; 7,34; 8,26), aos discípulos (8,30; 9,9), Jesus lhes proíbe publicar o exercício da “autoridade” que presenciaram. Se Jesus ensina com autoridade e poder efetivo, que confirmam sua palavra profética, devemos enxergar nele o “Filho do homem”, que vem com os plenos poderes de Deus.

### 3. II leitura: 1Cor 7,32-35

No espírito da “reserva escatológica” que vimos domingo passado, dando importância não tanto ao estado de vida, mas antes à diligência escatológica com a qual é assumido, Paulo explica que o estado celibatário lhe permite uma dedicação mais intensa àquilo que se relaciona, de modo imediato, com o Reino escatológico. Não condena, porém, as “mediações do Reino”, entre as quais o casamento, para o qual Jesus mesmo deu instruções (1Cor 7,10). O celibato é um conselho pessoal de Paulo (7,25). Como o sentido da escatologia é que o Senhor nos encontre ocupados com sua causa, Paulo aconselha o estado de vida que deixa nosso espírito mais livre para pensar nisso. Conselho não para truncar nossa liberdade,

mas para a libertar mais ainda. É claro, está falando do celibato assumido, não do celibato “levado de carona”, como é, muitas vezes, o de parte de nosso clero; porque, se não é assumido interiormente, desvia mais da causa do Senhor do que as preocupações matrimoniais. Bem entendido, porém, o celibato, além de proporcionar liberdade para Deus aos que o assumem, constitui um lembrete para os casados, a fim de que, no meio de suas preocupações, conservem a reserva escatológica, que os faz ver melhor o sentido último de tudo quanto fazem.

### III. Pistas para reflexão

Jesus é o profeta do reino de Deus. Mas que é um profeta? Conforme a 1ª leitura, o profeta é mediador e porta-voz de Deus. Moisés lembra aos israelitas que, quando da manifestação de Deus no monte Sinai (Ex 19), tiveram tanto medo, que Deus precisou estabelecer um intermediário para falar com eles. Esse intermediário foi Moisés, o primeiro “profeta bíblico”. E ele ensina que sempre haverá profetas em Israel para serem mediadores e porta-vozes de Deus, de modo que os israelitas já não precisam recorrer aos adivinhos cananeus, que consultam as divindades mediante sortilégios, búzios, necromantes (que evocam espíritos) etc. O profeta é aquele que fala com a autoridade de Deus, pelo qual é enviado. Muitas vezes, sua palavra é corroborada por Deus por meio de sinais milagrosos.

No evangelho, Jesus é apresentado como porta-voz de Deus e de seu reino. Deus mostra que está com ele. Dá-lhe “poder-autoridade” para fazer sinais. Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus expulsa um demônio, e o povo reconhece: “Um ensinamento novo, dado com autoridade...” (Mc 1,27).

Ora, os sinais milagrosos servem para mostrar a autoridade do profeta, mas não são propriamente sua missão. Servem para mostrar que Deus está com ele, mas sua tarefa não é fazer coisas espantosas. Sua tarefa



é ser porta-voz de Deus. Jesus veio para nos dizer e mostrar que Deus nos ama e espera que participemos ativamente de seu projeto de amor. Por outro lado, os sinais, embora não sejam sua tarefa propriamente, não deixam de revelar um pouco em que consiste o Reino que Jesus anuncia. São sinais da bondade de Deus. Jesus nunca faz sinais danosos às pessoas (como as pragas do Egito, que sobrevieram pela mão de Moisés). O primeiro sinal de Jesus, em Marcos, é uma expulsão de demônio. A possessão demoníaca simboliza o mal que toma conta do ser humano sem que este o queira. Libertando o endemoninhado do seu mal, Jesus demonstra que o Reino por ele anunciado não é apenas apelo livre à conversão de cada um, mas luta vitoriosa contra o mal que se apresenta maior que a gente.

O mal que é maior que a gente existe também hoje: a crescente desigualdade social, a má distribuição da terra e de seus produtos, a lenta asfixia do ambiente natural por conta das indústrias e da poluição, a vida insalubre dos que têm de menos e dos que têm de mais, a corrupção, o terror, o tráfico de drogas, o crime organizado, o esvaziamento moral e espiritual pelo mau uso dos meios de comunicação... Esses demônios parecem dominar muita gente e fazem muitas vítimas. O sinal profético de Jesus significa a libertação desse “mal do mundo” que transcende nossas parcas forças. E sua palavra, proferida com a autoridade de Deus mesmo, ensina-nos a realizar essa libertação.

Como Jesus, a Igreja é chamada a apresentar ao mundo a palavra de Deus e o anúncio de seu reino. Como confirmação dessa mensagem, deve também demonstrar, em sinais e obras, que o poder de Deus supera o mal: no empenho pela justiça e no alívio do sofrimento, no saneamento da sociedade e na cura do meio ambiente adoentado. Palavra e sinal, eis a missão profética da Igreja hoje.

O roteiro para a celebração da Apresentação do Senhor (no dia 2 de fevereiro) encontra-se no site da *Vida Pastoral*: [vidapastoral.com.br](http://vidapastoral.com.br)

5º Domingo do Tempo Comum  
4 de fevereiro

## A autoridade de Jesus e os enfermos

### I. Introdução geral

A liturgia deste domingo nos ajuda a refletir sobre um assunto bem atual: a “teologia da prosperidade”! O livro de Jó nos confronta com algo incompreensível a quem acredita que Deus recompensa os bons e castiga os maus nesta vida: Jó é um homem justo e, apesar disso, perdeu tudo. Durante 40 capítulos, Jó protesta contra a injustiça de seu sofrimento sem explicação, mas no fim Deus mostra sua presença, e Jó se consola e se cala.

Também Jesus, no Novo Testamento, nunca apresenta uma explicação do sofrimento, porque *não há explicação*. Mas ele traz uma *solução*: assume o sofrimento. Inicialmente, curando-o. No fim, sofrendo-o, em compaixão universal. Se Jó nos mostra que Deus está presente onde o ser humano sofre, Jesus nos mostra que Deus conhece o sofrimento do ser humano por dentro. E ele o assume até o fim.

A 2ª leitura continua com os assuntos dos coríntios, que pretendem ter a liberdade de fazer tudo o que têm direito de fazer. Paulo não concorda: nem sempre devo fazer uso de meu direito. A caridade, a paciência para com o menos forte, com o inseguro na fé, valem mais que meu direito pessoal.



## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Jó 7,1-4.6-7

Jó foi fortemente provado por Deus. Perdeu tudo, até a saúde. Seus amigos não o conseguem consolar (Jó 2,11). Jó contempla sua vida com amargura e só consegue pedir que a aflição não seja demais e Deus lhe dê um pouco de sossego. A vida é um “serviço de mercenário”, diz. Como os boias-frias, ele sempre leva a pior. Desperta cansado e, deitado, não consegue descansar, por causa das feridas. Que Deus lhe dê um pouco de sossego...

Procurando uma resposta para o mistério do sofrimento, os amigos de Jó dizem que os justos são recompensados e os ímpios, castigados. Mas Jó protesta: ele não é um ímpio. A teoria da prosperidade dos justos, a “teologia da retribuição”, não se verifica na realidade (21,5-6). Menos ainda o convence o pedante discurso de Eliú, tratando de mostrar o caráter pedagógico do sofrimento (cap. 32-37). Os amigos de Jó não resolvem nada. Vendem conselhos, mas não se compadecem. Suas palavras são pimenta na ferida.

Por outro lado, mesmo amaldiçoando o próprio nascimento, Jó não amaldiçoa Deus; ao contrário, reconhece e louva sua sabedoria e suas obras na criação: o abismo de seu sofrimento pessoal não lhe fecha os olhos para a grandeza de Deus! E é exatamente por este lado que entrará sossego na sua existência. Pois Deus se revelará a ele, tornar-se-á presente em seu sofrimento – ao contrário de seus amigos sabichões –, e essa experiência do mistério de Deus fará Jó entrar em si, no silêncio (42,1-6).

### 2. Evangelho: Mc 1,29-39

Como para preencher o que ficou aberto na 1ª leitura, o evangelho nos mostra o Filho de Deus assumindo nossas dores. A narrativa conta o fim do “dia em Cafarnaum”, iniciado em Mc 1,21 (cf. domingo passado). Jesus continua com seus gestos e ações que falam de Deus.

No início de seu ministério, Jesus assume o sofrimento, curando-o. Mostra os sinais da aproximação de Deus ao sofridor. Sinais feitos com a “autoridade” que já comentamos no domingo passado. Ao sair do ofício sinagoga, naquele dia de sábado, Jesus se dirige à casa de Pedro. Lá, ergue da febre a sogra do apóstolo. E ela se põe a servir, demonstrando assim sua transformação. Depois, ao anoitecer, quando termina o repouso sabático, as pessoas trazem a Jesus os seus enfermos. Jesus acolhe a multidão em busca de cura: novo sinal de sua misteriosa “autoridade”. Os endemoninhados, os maus espíritos reconhecem seu adversário, mas ele lhes proíbe proferir o que sabem (cf. domingo passado). E quando, depois, Jesus se retira para se encontrar com o Pai e os discípulos o vêm buscar para reassumir sua atividade em Cafarnaum, ele revela que a vontade de seu Pai o empurra para outros lugares. Ele está inteiramente a serviço do anúncio do Reino, com a “autoridade” que o Pai lhe outorgou.

No fim de seu ministério, Jesus assumirá o sofrimento, sofrendo-o. Aí, sua compaixão se torna realmente universal. Supera de longe aquilo que aparece no livro de Jó. Se este nos mostra que Deus está presente onde o ser humano sofre (e isso já é grande consolação), Jesus nos mostra que Deus conhece o sofrimento do ser humano por experiência.

Assim como o livro de Jó, Jesus não apresenta uma explicação teórica do sofrimento. Neste sentido, concorda com os filósofos existencialistas: sofrer faz parte da “condição humana”. *Não há explicação*, mas, sim, *solução*: Jesus assume o sofrimento. No livro de Jó, Deus se digna olhar para o ser humano que sofre. Em Jesus Cristo, ele participa de seu sofrimento.

### 3. II leitura: 1Cor 9,16-19.22-23

A 2ª leitura continua com a 1ª carta aos Coríntios, abordando assunto muito especial. 1Cor 8-10 é uma unidade que trata da



questão sobre se o cristão pode sempre fazer as coisas que, em si, não são um mal. Trata-se das carnes que sobravam dos banquetes oferecidos pela cidade em honra das divindades locais. Essas carnes eram, depois da festa, vendidas no mercado por “preço de banana”. O cristão, dizem os “esclarecidos”, pode comprá-las e comê-las sem problema, já que não acredita nos ídolos. Paulo, porém, pensa diferente: a norma não é a liberdade, mas a caridade (cf. Gálatas 5,13: usemos da “liberdade para nos tornar escravos de nossos irmãos”). Se o uso de nossa liberdade causa a queda do “fraco na fé”, que tem ainda resquícios de sua tradição pagã, devemos considerar a sensibilidade de nosso irmão.

Paulo não concorda com a pretensa liberdade dos coríntios para fazerem tudo que têm direito de fazer. Existe o aspecto *objetivo* (carne é carne e ídolos não existem) e o aspecto *subjetivo* (alguém menos instruído na fé talvez coma as carnes idolátricas num espírito de superstição; 8,7). Portanto, diz Paulo, nem sempre devo fazer uso de meu direito. E alega seu próprio exemplo: ele teria o direito de receber gratificação por seu apostolado, mas, como tal gratificação poderia ser mal interpretada, prefere ganhar seu pão trabalhando. A gratificação de seu apostolado consiste no prazer de pregar o evangelho de graça. Paulo teria os mesmos direitos dos outros apóstolos: levar consigo uma mulher cristã (9,5), ser dispensado de trabalho manual (9,6), receber salário pelo trabalho evangélico (9,14; cf. a “palavra do Senhor” a este respeito, Mt 10,10). Entretanto, prefere anunciar o evangelho de graça, para que ninguém suspeite de motivos ambíguos. Ora, essa atitude não é inspirada apenas por prudência, mas por paixão pelo evangelho: “Ai de mim se eu não pregar o evangelho... Qual é meu salário? Pregarei o evangelho gratuitamente, sem usar dos direitos que o evangelho me confere!” (9,17-18). Se tivermos verdadeiro afeto por nosso irmão fraco na fé, desistire-

mos com prazer de algumas coisas aparentemente cabíveis; e a própria gratuidade será a nossa recompensa, pois “tudo é graça”.

### III. Pistas para reflexão

As leituras de hoje estão interligadas por um fio quase imperceptível: enquanto Jó *se enche* de sofrimento *até o anoitecer* (1ª leitura), Jesus *cura* o sofrimento *até o anoitecer* (evangelho). O conjunto do evangelho mostra Jesus empenhando-se, sem se poupar, para curar os enfermos de Cafarnaum. E, no dia seguinte, o poder de Deus que ele sente em si o impele para outros lugares, sem se deixar “privatizar” pelo povo de Cafarnaum. A paixão de Jesus é deixar efluir de si o poder benfazejo de Deus. Ele assume, sem limites, o sofrimento do povo. Ele sabe que isso é sua *missão*: “Foi para isso que eu vim”. Não pode recusar a Deus esse serviço.

Nosso povo, muitas vezes, vê nas doenças e no sofrimento um castigo de Deus. Mas quando o próprio Enviado de Deus se esgota para aliviar as dores do povo, como essas doenças poderiam ser um castigo divino? Não serão sinal de outra coisa? Há muito sofrimento que não é castigo, mas, simplesmente, condição humana, condição da criatura, além de ocasião para Deus manifestar seu amor. O evangelista João dirá que a doença do cego não vem de pecado algum, mas é *oportunidade para Deus manifestar sua glória* (Jo 9,3; cf. 11,4).

Por mais que o ser humano consiga dominar os problemas de saúde, não consegue excluir o sofrimento, pois este tem outra fonte. Mas é verdade que o egoísmo aumenta o sofrimento. O fato de Jesus apaixonadamente se entregar à cura de todos os males, também em outras cidades, é uma manifestação do Espírito de Deus que está sobre ele e que renova o mundo (cf. Sl 104[103],30). O evangelista Mateus compreendeu isso muito bem, quando acrescentou ao texto de Mc 1,34 a citação de Is 53,4 acerca do Servo sofredor: “Ele assumiu



nossas dores e carregou nossas enfermidades” (Mt 8,17). E, se pelo pecado do mundo, as dores se transformam num mal que oprime a alma, logo à frente Jesus se revelará como aquele que perdoa o pecado (cf. Mc 2,1-12).

Também se hoje acontecem curas e outros sinais do amor apaixonado de Deus que se manifesta em Jesus Cristo, é preciso que reconheçamos nisso os sinais do Reino que Jesus vem trazer. Não enganemos as pessoas com falsas promessas de prosperidade, que até causam nos sofredores um complexo de culpa (“Que fiz de errado? Por que mereci isso?”). Mas, em meio ao mistério da dor, dediquemo-nos a dar sinais do amor de Jesus e de seu Pai.

6º Domingo do Tempo Comum  
11 de fevereiro

# A autoridade de Jesus e a marginalização

## I. Introdução geral

A liturgia de domingo passado mostrou que Jesus não se deixou “privatizar” pela população de Cafarnaum, mas seguiu sua vocação para ir a outras cidades também. Hoje o vemos saindo para a margem da sociedade, para os lugares desertos, onde viviam aqueles que na época eram chamados leprosos. Estes eram intocáveis, tabu! Jesus quebra esse tabu e, no fim, acaba ocupando o lugar do doente, nos “lugares desertos”.

Como nos evangelhos anteriores, vemos aqui uma indicação velada da personalidade de Jesus. Autoridade e compaixão, duas qualidades dificilmente compatíveis no ser humano, são as feições divinas que se deixam entrever no agir de Jesus. E revela-se sua superioridade em relação à Lei, segundo a qual Jesus

não poderia tocar no doente de pele. Ele não depende da Lei para realizar o bem da pessoa. Por autoridade própria, reintegra o ser humano que a letra da Lei marginalizava.

Este tema convida a uma catequese sobre a reintegração dos que são marginalizados. Para que nós, como membros de Cristo, possamos realmente vencer a marginalização, será preciso agir com uma autoridade que esteja acima das convenções constrangedoras do sistema em que vivemos. Precisamos encarnar de modo operante essa *compaixão reintegradora*, neutralizando os mecanismos de marginalização e exclusão com a força divina da verdadeira solidariedade, baseada no amor.

A 2ª leitura continua o tema de domingo passado, sobre as carnes oferecidas aos ídolos. Paulo se apresenta a si mesmo como exemplo, pois o pregador deve ser a ilustração daquilo que prega. O apóstolo quer agradar a todos, não para lograr sucesso pessoal, mas para o bem de todos, a fim de que se deixem atrair por Cristo. Este texto é uma das mais lindas exortações que a Bíblia contém.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. 1ª leitura (2Rs 5,9-14)

Para ilustrar o tema do evangelho de hoje, a liturgia propõe (como leitura opcional) a cura do general sírio Naamã pelo profeta Eliseu. A leitura nos mostra o horror que a doença causa nesse homem de destaque, a ponto de procurar um profeta em terra estrangeira, em Israel. O recorte litúrgico não inclui a descrição dos ricos presentes que o homem trouxe para o profeta, os quais realçam ainda mais o seu *status*. Menciona, sim, o orgulho de Naamã, que julga pouca coisa banhar-se no rio Jordão, um riacho, em comparação com os rios da capital de sua terra, Damasco. Mas, aconselhado pelos servos, o homem banha-se, assim mesmo, no rio Jordão e fica curado: “Sua carne tornou-se semelhante à de uma criancinha”.



Em Israel, a lepra causava exclusão da comunidade e suspeita de algum pecado. Em contraste com isso, o salmo responsorial (Sl 32[31],1-2.5.11) canta a alegria de ser perdoado e readmitido.

## 2. Evangelho: Mc 1,40-45

O canto de aclamação ao evangelho fala de Deus que visita o seu povo (Lc 7,16). É isso que acontece quando Jesus vai aos lugares ermos, onde encontra um doente de pele bem diferente do da 1ª leitura, Naamã, que procurou Eliseu com pompa e vaidade. No evangelho, Jesus mesmo vai até o lugar onde o doente vive excluído, marginalizado. No exercício da “autoridade” divina sobre as forças do mal e, ao mesmo tempo, levado por uma compaixão humana que não deixa de ser divina, Jesus quebra o tabu da lepra, toca o doente e faz desaparecer a enfermidade. Na opinião do povo, a doença designada como lepra devia ser obra de algum espírito muito ruim. Jesus quebra esse tabu. O doente reconhece em Jesus misteriosa “autoridade”, seu poder sobre os espíritos maus. “*Se quiseres, tens o poder de me purificar*” (Mc 6,40). Jesus não pensa nas severas restrições da Lei, só sente compaixão, aquela qualidade divina que ele encarna. Apesar da proibição da Lei, toca no doente de pele, dizendo: “*Eu quero, sê purificado*”. E a cura sucede. Jesus dá um sinal do Reino. Se ele cura pelo “poder-autoridade” do Filho do homem, não é preciso primeiro consultar os guardiões da Lei. Basta que, depois de receber o benefício de Deus, o doente ofereça o sacrifício de agradecimento, conforme o rito costumeiro.

Como aos exorcizados, Jesus proíbe ao curado publicar o que sua “autoridade” operou. Manda-o oferecer o sacrifício prescrito, para oficializar sua reintegração na comunidade. Jesus lhe proíbe publicar o ocorrido, porque a publicidade desvia a percepção da verdadeira personalidade de Jesus (que não apenas cura, mas também assume o sofrimento humano).

Mas o homem não é capaz de silenciar o fato. Quem conseguiria esconder tanta felicidade? Ele, até então marginalizado, encontrou a reintegração e aproveitou-a para contar o que lhe acontecera. Mais: Jesus foi ocupar o lugar do doente de pele, nos “lugares desertos” (1,45).

Este episódio faz presentir a crescente e mortal oposição das autoridades religiosas: Jesus sabe o que é o bem do ser humano melhor do que a Lei segundo a interpretação dos escribas. Por autoridade própria, reintegra a pessoa que a letra da Lei marginalizava. Restaura a comunhão com o excomungado, passando para trás os que tinham o monopólio da reintegração. Aceitar este Jesus significa aceitar alguém que supera as mais altas autoridades religiosas. Nesse sentido, a cura da doença de pele funciona como um sinal: significa que, de fato, Jesus está acima das prescrições legais e pode prescindir delas.

## 3. II leitura: 1Cor 10,31-11,1

Ao fim da discussão sobre a carne consagrada aos ídolos (1Cor 8-10; cf. domingos anteriores), Paulo tira as conclusões práticas. Comprar carne desses banquetes no mercado, sem ninguém o saber, pode parecer sem importância (10,25). Se, porém, alguém o sabe e se escandaliza, então não se deve comer dessa carne, por amor ao fraco na fé (10,28-29), pois não seria possível comê-la agradecendo a Deus (10,30). Daí a atitude geral: fazer tudo de sorte que seja um agradecimento a Deus, o que acontece quando é para o bem dos outros. Por fim, Paulo atreve-se a apresentar-se como exemplo, sendo Cristo o exemplo dele (cf. 1Cor 11,1; Fl 3,17).

## III. Pistas para reflexão

A exclusão virou princípio da organização socioeconômica: a lei do mercado, da competitividade. Quem não consegue competir deve desaparecer, quem não consegue consumir deve sumir. Escondemos favelas



por trás de placas publicitárias. Que os feios, os deficientes, os idosos, os doentes de aids não poluam os nossos cartões-postais!

Em tempos idos, a exclusão muitas vezes provinha da impotência diante da enfermidade ou, também, da superstição. Em Israel, os chamados leprosos eram excluídos e marginalizados, como ilustra abundantemente a legislação de Lv 13-14. Enquanto não se tivesse constatado a cura, por complicado ritual, o doente de pele era considerado impuro, intocável. Jesus, porém, toca no homem doente e o cura. Sinal do reino de Deus. Jesus torna o mundo mais conforme ao sonho divino, pois Deus não deseja sofrimento nem discriminação. O Antigo Testamento pode não ter encontrado outra solução para esses doentes contagiosos que a marginalização, mas Jesus mostra que novo tempo começou.

Começou, mas não terminou. Reintegrar os marginalizados não foi uma fase passageira no projeto de Deus, como os presentinhos dos políticos nas vésperas das eleições. O plano messiânico continua por meio do povo messiânico. Devemos continuar inventando soluções para toda e qualquer marginalização, pois somos todos irmãos e irmãs.

Seremos impotentes para excluir a exclusão, como os antigos israelitas em relação à doença de pele? Que fazer com os criminosos perigosos, viciados no crime? O fato de ter de marginalizar alguém é reconhecimento da inadequação de nossa sociedade. Toda forma de marginalização é denúncia contra nossa sociedade e, ao mesmo tempo, um desafio. Muito mais ainda em se tratando de pessoas inocentes. A marginalização é sinal de que não está acontecendo o que Deus deseja. Aonde existe marginalização, o reino de Deus ainda não chegou, pelo menos não completamente. E aonde chega o reino de Deus, a marginalização já não deve existir. Por isso, Jesus reintegra os marginalizados, como é o caso do doente do evangelho de hoje, dos pecadores, publicanos, prostitutas... Essa reintegração está ba-

seada no “poder-autoridade” que Jesus detém como enviado de Deus: “Se quiseres, tens o poder de me purificar” (Mc 1,40). Jesus passa por cima das prescrições levíticas, toca no doente de pele e “purifica-o” por sua palavra, em virtude da autoridade que lhe é conferida como “Filho do homem” (= “executivo” de Deus, cf. Mc 2,10.28).

Há quem pense que os mecanismos autorreguladores do mercado são o fim da história, a realização completa da racionalidade humana. E os que são (e sempre serão) excluídos por esse processo, onde ficam? Não será tal raciocínio o de um varejista que se imagina o criador do universo? A liturgia de hoje nos mostra outro caminho, o de Jesus: solidarizar-se com os marginalizados, os excluídos, tocar naqueles que a “lei” proíbe tocar, para reintegrá-los, obrigando a sociedade a se abrir e a criar estruturas mais acolhedoras, mais messiânicas.

1º Domingo da Quaresma  
18 de fevereiro

## A restauração da humanidade em Cristo e o batismo

### I. Introdução geral

Estamos iniciando a Quaresma, tempo de conversão em vista da celebração do mistério pascal. Tempo de volta ao nosso “primeiro amor”, nosso projeto de vida assumido diante de Deus e Jesus Cristo. As leituras deste domingo ensinam-nos a acreditar na possibilidade da renovação de nossa vida cristã.

A liturgia de hoje se inspira na catequese batismal. Nos primórdios da Igreja, a Quaresma era preparação para o batismo, ministrado na noite pascal. O batismo era visto como participação na reconciliação operada



pelo sacrifício de Cristo por nós (cf. Rm 3,21-26; 5,1-11; 6,3 etc.). No mesmo espírito, a liturgia renovada do Concílio Vaticano II insiste em que, na noite pascal, sejam batizados alguns novos fiéis, de preferência adultos, e todos os fiéis façam a renovação de seu compromisso batismal. Essa insistência na renovação da vida batismal faz sentido, pois, enquanto não tivermos passado pela última prova, estamos sujeitos à desistência. Como à humanidade toda, no tempo de Noé, também a cada um, batizado ou não, Deus dá novas chances: eis o tempo da conversão.

A liturgia de hoje é animada por um espírito de confiança. Ora, confiança significa entrega: corresponder ao amor de Deus por uma vida santa (oração do dia). É claro, devemos sempre viver em harmonia com Deus, correspondendo ao seu amor. Na instabilidade da vida, porém, as forças do mal nos apanham desprevenidos. Mas a Quaresma é um “tempo forte”, em que convém pôr à prova o nosso amor, esforçando-nos mais intensamente por uma vida santa.

## II. Comentários aos textos bíblicos

### 1. I leitura: Gn 9,8-15

As águas do dilúvio representavam, para os antigos, um desencadeamento das forças do mal. Mas quem tem a última palavra é o amor divino. Deus não quer destruir o ser humano, impõe limites ao dilúvio e já não voltará a destruir a terra. O dilúvio é o símbolo do juízo de Deus sobre este mundo, mas, acima de tudo, está a sua misericórdia, simbolizada pelo arco-íris. No fim do dilúvio, Deus faz uma aliança com Noé e sua descendência, a humanidade inteira: apesar da presença do mal, ele não voltará a destruir a humanidade. Deus repete o dia da criação, em que venceu o caos originário, separou as águas de cima e de baixo e deu ao ser humano um lugar para morar. Faz uma nova cria-

ção, melhor que a anterior, pois acompanhada de um pacto de proteção. O arco-íris que, no fim do temporal, espontaneamente nos alegra é o sinal natural dessa aliança.

O salmo responsorial (Sl 25[24],4bc-5ab.6-7bc.8-9) lembra a fidelidade de Deus ao seu amor. O íntimo ser de Deus é, ao mesmo tempo, bondade e justiça: “Ele reconduz ao bom caminho os pecadores, aos humildes conduz até o fim, em seu amor”. Por essa razão, todos os batizados renovam, na celebração da Páscoa, seu compromisso batismal.

### 2. II leitura: 1Pd 3,18-22

A segunda leitura faz parte da catequese batismal que caracteriza a 1ª carta de Pedro. O batismo supõe a transmissão do credo. Assim, 1Pd 3,18-4,6 contém os elementos do primitivo credo: Cristo morreu e desceu aos infernos (3,18-19), ressuscitou (3,18.21), foi exaltado ao lado de Deus (3,22), julgará vivos e mortos (4,5). Tendo ele trilhado nosso caminho até a morte, nós podemos seguir seu caminho para a vida (3,18). O batismo, que lembra o dilúvio no sentido contrário (salvação em vez de destruição), purifica a consciência e nos orienta para onde Cristo nos precedeu.

Jesus, porém, não vai sozinho. Leva-nos consigo. Ele é como a arca que salvou Noé e os seus das águas do dilúvio. Com ele somos imersos no batismo e saímos dele renovados, numa nova e eterna aliança. Ao fim da Quaresma, serão batizados os novos candidatos à fé. Na “releitura” do dilúvio feita pela 1ª carta de Pedro, a imagem da arca está num contexto que lembra os principais pontos do credo: a morte de Cristo e sua descida aos infernos (para estender a força salvadora até os justos do passado); sua ressurreição e exaltação (onde ele permanece como Senhor da história futura, até o fim). Batismo é transmissão da fé.

### 3. Evangelho: Mc 1,12-15

Quando de seu batismo por João, Jesus foi investido por Deus com o título de “Filho



amado” e com seu beneplácito, que é, na realidade, a missão de realizar no mundo aquilo que faz a alegria de Deus: a salvação de todos os seus filhos. Assim, a missão de Jesus começa com a vitória sobre o mal, o qual se opõe à vontade de seu Pai.

O mal tem muitas faces e, além disso, uma coerência interior que faz pensar numa figura pessoal, embora não visível no mundo material. Essa figura chama-se “satanás”, o adversário, ou “diabo”, destruidor, presente desde o início da humanidade. Impedido pelo Espírito de Deus, Jesus enfrenta no deserto as forças do mal – satanás e os anjais selvagens –, mas vence, e os anjos do Altíssimo o servem. A “provação” de Jesus no deserto, depois de seu batismo por João, prepara o anúncio do Reino. Aproxima-se a grande virada do tempo: Jesus anuncia a boa-nova do Reino. Deus oferece novas chances. Incansavelmente deseja que o ser humano, embora seja pecador, viva (cf. Ez 18,23). Sua oferta tem pleno sucesso com Jesus de Nazaré. Este é verdadeiramente seu Filho (Mc 1,11). Vitória escondida, como convém na primeira parte de Marcos, tempo do “segredo messiânico”.

Nos seus 40 dias de deserto, Jesus resume a caminhada do povo de Israel e antecipa também seu próprio caminho de servo do Senhor. A tentação no deserto transforma-se em situação paradisíaca: Jesus é o novo Adão, vencedor da serpente. Seu chamado à conversão é um chamado à fé e à confiança. Nas próximas semanas o acompanharemos em sua subida a Jerusalém, obediente ao Pai. Será a verdadeira prova, na doação até a morte, morte de cruz. E, “por isso, Deus o exaltou”... (cf. Fl 2,9).

Assim preparado, Jesus inicia o anúncio do reino de Deus e pede conversão e fé no evangelho, o *euangélion*, a alegre notícia (cf. 3º domingo do tempo comum). Que ele exorte a acreditar na novidade, a gente entende. Mas por que conversão, se se trata de boa

notícia? Exatamente por isso. Pois, como mostram os noticiários da TV, estamos muito mais sintonizados com notícias ruins do que com notícia boa. Conversão não é a mesma coisa que penitência, como às vezes se traduz em Mc 1,15, sem razão. Conversão significa dar nova postura à nossa vida e nosso coração, “deixar para lá” a imagem de um Deus ameaçador para nos voltarmos a ele e a seu reinado com um coração alegre e confiante.

### III. Pistas para reflexão

Celebramos o 1º domingo da Quaresma. Muitos jovens não sabem o que é a Quaresma. Nem sequer sabem de onde vem o carnaval, antiga festa do fim do inverno (no hemisfério norte) que, na cristandade, se tornou a despedida da fartura antes de iniciar o jejum da Quaresma.

A Quaresma (do latim *quadregesima*) significa um tempo de 40 dias vivido na proximidade do Senhor, na entrega a Deus. Depois de ser batizado por João Batista no rio Jordão, Jesus se retirou ao deserto de Judá e jejuou durante 40 dias, preparando-se para anunciar o reino de Deus. Vivia no meio das feras, mas os anjos de Deus cuidavam dele. Preparando-se desse modo, Jesus assemelha-se a Moisés, que jejuou durante 40 dias no monte Horeb (Ex 24,18; 34,28; Dt 9,11 etc.), e a Elias, que caminhou 40 dias, alimentado pelos corvos, até chegar a essa montanha (1Rs 19,8). O povo de Israel peregrinou durante 40 anos pelo deserto (Dt 2,7), alimentado pelo Senhor.

Na Quaresma, deixamos para trás as preocupações mundanas e priorizamos as de Deus. Vivemos numa atitude de volta para Deus, de conversão. Isso não consiste necessariamente em abster-se de pão, mas sobretudo em repartir o pão com o faminto e viver todas as demais formas de justiça. Tal é o verdadeiro jejum (Is 58,6-8).

A Igreja, desde seus inícios, viu nos 40 dias de preparação de Jesus uma imagem da



preparação dos candidatos ao batismo. Assim como Jesus, depois desses 40 dias, se entregou à missão recebida de Deus, os catecúmenos eram, depois de 40 dias de preparação, incorporados a Cristo pelo batismo, para participar da vida nova. O batismo era celebrado na noite da Páscoa, noite da ressurreição. E toda a comunidade vivia na austeridade material e na riqueza espiritual, preparando-se para celebrar a ressurreição.

A meta da Quaresma é a Páscoa, o batismo, a regeneração para uma vida nova. Para os que ainda não foram batizados – os catecúmenos –, isso se dá no sacramento do batismo na noite pascal; para os já batizados, na conversão que sempre é necessária na vida cristã. Daí o sentido da renovação do compromisso batismal e do sacramento da reconciliação nesse período.

Conversão e renovação, se preciso também arrependimento por nossas infidelidades, mas o tom principal é a alegria pela boa-nova e por Deus que, em Cristo, renova nossa vida.

2º Domingo da Quaresma  
25 de fevereiro

## Escutar a voz de Jesus como marca do discípulo

*Luiz Alexandre Solano Rossi\**

\*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutor em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary (Califórnia, EUA). É professor no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Publicou diversos livros, a maioria pela PAULUS, entre os quais: *A falsa religião e a*

*amizade enganadora: o livro de Jó; Como ler o livro de Jeremias; Como ler o livro de Abdias; Como ler o livro de Joel; Como ler o livro de Zacarias; Como ler o livro das Lamentações; A arte de viver e ser feliz; Deus se revela em gestos de solidariedade; A origem do sofrimento do pobre. E-mail: luizalexandrerozzi@yahoo.com.br*

### I. Introdução geral

A obediência é uma das maiores virtudes do discípulo de Jesus. No entanto, geralmente queremos seguir Jesus de longe. Usufruindo, é verdade, de sua presença, mas a uma distância considerável e confortável para não ouvir a sua voz de Mestre. Escutar e, ato contínuo, praticar tudo quanto o Mestre falou é sinal de compromisso e de maturidade. Ouvir a voz de Deus é primordial e, por que não dizer, o primeiro aprendizado para também aprendermos a ouvir uns aos outros.

### II. Comentários aos textos bíblicos

#### 1. I leitura:

**Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18**

A primeira leitura nos põe diante de Abraão e seu importante desafio. Todavia, ainda que o desafio se apresente de maneira exigente e no limite da força de qualquer pessoa, a única reação de Abraão diante de Deus é: “Eis-me aqui”. Ele caminha pela fé. O mais importante para ele é o ato de obedecer. Não se fazem discípulos sem obediência. Por isso, cada passo de Abraão significa a construção de um itinerário de fé. Cada passo é símbolo de um novo tijolo colocado nesta grande edificação que é a vida. Abraão caminha como se visse o invisível e, por isso, seus passos constroem nova história.

Abraão compreende que a vida precisa ser protegida a qualquer custo. Deus é, necessariamente, o Deus da vida, e não da mor-



te. O sacrifício de Isaac, seu filho, corresponderia à anulação de projeto de vida de Deus. A vocação de Abraão é ser um construtor de vida, não um artífice da morte. Sacrifícios humanos, tanto ontem como hoje, são inadmissíveis, e, conseqüentemente, o texto parece reagir ao culto dos reis ao deus Moloc ou a outras divindades que podem ter incluído sacrifícios humanos não só em Israel e Judá, mas também em seus arredores.

## 2. Evangelho: Mc 9,2-10

Na transfiguração relatada no Evangelho de Marcos, a passagem-chave é a exortação dirigida aos três discípulos: Pedro, Tiago e João. Uma expressão/exortação que do passado reverbera com força, atravessando tempo e espaço e nos alcançando com igual intensidade: “Escutai-o”. Na Quaresma se faz necessário abrir os ouvidos para escutar com verdadeira atenção. Não se fazem discípulos que fecham os ouvidos às palavras de seu mestre. Todo discípulo é, primeiramente, de fato e de verdade, um ouvinte.

Todavia, é necessário também ouvir os outros. Não vivemos isolados em ilhas. Somos seres relacionais e, do ponto de vista cristão, vivemos em comunidades. Tudo leva a considerar o outro como alguém que possibilita o diálogo: falamos e ouvimos a fim de construir verdadeira humanidade. Às vezes fica a impressão de que temos grande facilidade de ouvir os meios de comunicação, discursos os mais diversos, até mesmo alguma música. Porém, não temos a mesma facilidade para escutar alguém. Uma multidão de sons pode povoar nosso interior, desde que não sobre espaço para os sons de irmãos e de irmãs. Transformamo-nos em consumidores de ruídos e, negando os sons da fraternidade, esvaziamos-nos de nós mesmos. Escutar Jesus dentro de nossos próprios contextos é o maior dos nossos desafios. Acolher a palavra de Jesus requer tempo e qualidade de tempo. Caso contrário, corremos o risco de confundir os ruídos do

cotidiano com a voz do nosso Mestre.

Jesus sobe a montanha para viver uma experiência inusitada. Lá ele, diante dos olhos estarecidos dos três discípulos, se transfigura. Suas vestes são mudadas e passam a se parecer com aquelas dos mártires (cf. Ap 3,15.18). No entanto, para além da transfiguração, aparecem também Elias e Moisés. A presença deles vem confirmar o caminho de Jesus na direção do conflito final. A presença deles indica que a sua missão não é marcada pela neutralidade. De forma contrária a essa percepção, a vida de Jesus transcorre num caminho marcado pelo conflito e, no conflito, assume uma posição de solidariedade a favor das vítimas que o conduzirá inevitavelmente à morte.

Todavia, a missão de Jesus não era a mesma de Pedro. Quantas e quantas vezes nossas visões e interesses se distanciam do projeto de Jesus? Pedro, diante de uma experiência fantástica, pensa que o alto da montanha é o melhor lugar para permanecer. Sente o desejo de fazer tendas, estabelecer-se ali mesmo e vivenciar a vida cristã como se fosse um eterno retiro, longe do barulho das pessoas, das cidades e vilas. Um ambiente ideal para viver de contemplação. Pedro, porém, ouvia tão somente a própria voz. Tinha um projeto pessoal que se distanciava muitíssimamente do projeto de Jesus. Quando ouvimos a própria voz, deixamos de ouvir a voz de Deus. Nesse sentido, os ruídos que nos atrapalham não são somente externos, mas também internos.

Descer a montanha será, para os discípulos, muito mais difícil do que subi-la. Eles se acostuariam facilmente com a zona de conforto proporcionada pela experiência religiosa e da experiência ficariam reféns. Transformariam a vida de Cristo numa experiência intimista e desconectada da realidade conflituosa. Mas se fazia necessário descer a montanha. É justamente em meio ao povo que se vive e se faz missão. Jesus bem sabia que a boa notícia não poderia fi-



car escondida. Descer a montanha traz o sentido de fazer o caminho para dentro da realidade. Toda a mensagem de Jesus nasce da realidade política, social, econômica e religiosa. Ele jamais nega a realidade, pois vive para transformá-la. Nesse caso, o cotidiano é o espaço privilegiado da atuação de Jesus. Ele pode até mesmo, por breves momentos, subir montanhas. Mas suas raízes e missão se encontram no meio do povo.

Pedro, como porta-voz de seus companheiros, é apresentado como carente de inteligência. Ele traz no coração o desejo de reter permanentemente a revelação da glória celeste. Pode-se dizer que esse desejo, na perspectiva humana, é compreensível, mas se contrapõe ao chamado dos discípulos ao seguimento de Jesus pelo caminho da cruz. Eles experimentam uma antecipação da bem-aventurança celestial e por isso dizem: “É bom estarmos aqui”. Pedro pensava segundo a perspectiva do triunfo. Imaginava um Cristo vitorioso para vitoriosos. A lógica da vitória impedia Pedro de se ver adequadamente e, por isso, sua proposta parecia querer desviar Jesus de seu trajeto de solidariedade com as vítimas da história. Jesus, por sua vez, constrói seu itinerário pessoal e teológico com base na solidariedade com os pequeninos, mesmo que para isso seja necessário ser vítima do império romano, como tantos outros do seu povo já haviam sido.

### 3. II leitura: Rm 8,31b-34

Quem poderia impedir a chegada do projeto de Deus? Não existe nada que possa

impedir Deus de manifestar seu amor para com a humanidade. Cristo, morto e ressuscitado, é o grande artífice do projeto divino. Por meio dele, e somente por ele, a comunidade pode se aproximar do amor de Deus.

Em Romanos, a vitória pertence a Deus. A pessoa justificada por ele possui a certeza da vitória. Em Cristo, somos mais do que vencedores. A base fundamental de toda a vida reside naquilo que aconteceu em Jesus. Por causa dele, e somente por causa dele, é que podemos caminhar em direção ao amanhã.

### III. Pistas para reflexão

– De consumidores de ruídos, precisamos nos transformar em facilitadores de diálogos. O ruído provoca atritos e acaba por construir muros entre as pessoas. E o diálogo é um exímio instrumento para criar pontes entre as pessoas. Somente por meio do diálogo, ou seja, da arte de falar e reconhecer esse mesmo direito ao nosso interlocutor, é que podemos conhecer novos mundos que estão além de nós mesmos.

– A vida cristã acontece na história, em meio aos conflitos nela gerados, e não no alto das montanhas. Jesus deixou bem claro que o local preferencial para o exercício da vida cristã é justamente entre as pessoas. A vida cristã não pode ser vista, nem muito menos ser compreendida, como fator de alienação. A história é o palco onde vivemos intensamente a vida de Cristo a fim de transformá-la. ●



**O futuro da fé**  
Harvey Cox

Que configuração a fé cristã deverá assumir no século XXI? Em meio ao ritmo acelerado das mudanças globais e diante de um aparente ressurgimento do fundamentalismo, o cristianismo ainda poderá sobreviver como uma fé viva e fecunda? Com seu estilo rico e acuidade acadêmica, Cox explora essas e outras questões num livro que é, ao mesmo tempo, autobiografia, comentário teológico e história da Igreja.

296 páginas

paulus.com.br      11 3789-4000 | 0800-164011      vendas@paulus.com.br